

Seminário de Filosofia. Rio de Janeiro, 05 de setembro de 2001¹

Olavo de Carvalho

Alguma dúvida sobre a última aula?

Aluno: lendo os livros do Schuon e do Lings eles dão a entender que dentro da mística sufi existe já a compreensão do Ser e a distinção entre a teoria geral do Ser e as manifestações religiosas.

Isto tem mesmo. Se você pegar esse material sufi todo você vai ver que tudo o que foi discutido ao longo da história da filosofia eles já foram e já voltaram. Dentro de um contexto onde a explicação doutrinal tem menos importância do que uma realização espiritual pessoal. Então às vezes a coisa não está explicada em todos os seus detalhes, mas de uma maneira ou de outra está lá, compactado, como diria o Voegelin, mas está lá.

Em torno dessas ordens místicas surge toda uma discussão filosófica que é imensa. Se você vê no livro de Henry Corbin você vê que só o Irã já tem mais filosofia que a Europa inteira. O Guénon tem razão quando diz que todo esse desenvolvimento ocidental é um pouco provinciano, porque ignora coisas fundamentais que se passaram no resto do mundo. Quando você pega e compara esse legado filosófico iraniano com o que estava se passando aqui, a gente estava na infância. Esse negócio do conhecimento por presença em que estou trabalhando, tudo o que você descobre você depois percebe que teve um iraniano que falou sobre isso no século XI, XII. E tem mesmo, eu acabei de descobrir. Pensei que tinha descoberto alguma coisa... eles são muito impressionantes. A linguagem é um pouco esquisita, mas que está lá, está.

Essa pretensão de universalidade, de autonomia, e até de exclusividade que existe na tradição ocidental é absurdamente ridícula. Quando você vai ver as coisas no seu valor devido mesmo você vê que o Guénon estava montado na razão. Porque dá a impressão que ele está fazendo isso só de birra, que ele ficou bravo com o ocidente por alguma coisa, mas quando você vai ver o material que os caras têm é muito impressionante. Eles nunca tiveram inteligência política. Eu acho que há uma dificuldade intrínseca ali no mundo islâmico que é o fato que ele se organiza todo em torno da pessoa de Maomé, e que sem ele aquilo fica difícil de tocar. Tanto que a divisão principal, que é a de xiita e sunita, ela só existe por causa da figura dele. Eles realmente não sabiam qual seria a função do governante. Então por um lado surge a idéia de que o governante é apenas um governante civil, sem funções espirituais e religiosas, e a maioria adere a isto, e uma facção menor acha que o governante é um herdeiro espiritual de Maomé e este pessoal então segue seu genro Ali, um camarada que tinha seus dons místicos especiais. As duas coisas são possíveis, você não tem muito como argumentar a favor de uma ou de outra a partir do Corão.

Quando o Islam se origina ele se impregna muito da cultura dos povos árabes que se expande para fora – iraniano não tem nada a ver com árabe, evidentemente – mas quando você estuda um pouco a constituição política dos caras você vê que a função do chefe, do líder político ali era uma coisa muito estranha. O chefe ali era um sujeito que tinha que resolver os problemas de todo mundo e tudo que acontecesse de mau era culpa dele. então você liderar uma tribo ali era um flagelo, um terror. E ainda é assim. E ainda tem a idéia corânica de legitimidade, de que qualquer governo que exista é legítimo pelo fato de que existe. Um tirano que está no poder há cem anos, se Deus não tirou ele de lá então ele é governante legítimo, mas se eu tirar ele de lá então eu sou um governante legítimo. Então isso é um convite ao golpe de estado. E de fato a história do Irã (ou Islam) é uma sucessão de golpes de estado, de traições. Porque metafisicamente é claro que tudo que acontece é porque no mínimo Deus permitiu.

¹ Transcrição feita por Fernando Antonio de Araujo Carneiro - Sem revisão do professor

Aluno: é como o negócio do duelo, se você não morre então é porque Deus está do seu lado.

Para entender o mundo islâmico você precisa se reportar um pouco à idade média. Tem coisas lá que são mais ou menos um reflexo.

Então, eles nunca se preocuparam em criar um critério de legitimidade. A organização política lá é praticamente intuitiva (ou impossível). Em segundo lugar, não há nenhuma indicação quanto ao regime político. Curiosamente você tem quanto à organização econômica. E na organização econômica eles sempre foram muito bons, eles tem um desenvolvidíssimo sistema bancário que funciona e dá muito dinheiro, embora não tenha juros. Então eles conseguiram ficar muito ricos e ter uma influência cultural enorme mas politicamente aquilo é um saco de gatos.

Aluno: pelo que eu entendi é possível fazer um empréstimo sem juros. Como?

Eu precisaria estudar aquilo tudo de novo.. mas é possível sim. Só existe investimento de risco, o banco nunca está garantido. A base é essa, mas como operacionaliza isso eu não sei.

Aluno: mas isso não atrapalha a existência de bancos?

Não, o banco tem que existir de qualquer jeito. E o fundamento disso tudo é religioso. Por exemplo, quando termina o mês do Ramadan tem ua instituição que se chama zaqat (???), que é a esmola obrigatória, fixada entre 2% e 3% do que o sujeito ganhou, e que você dá ou para um parente seu ou para uma pessoa pobre qualquer, ou dá para um amigo, para quem você quiser. Ou então você bota na mesquita e esta constitui um fundo. E o banco se origina dali, assim como nossos bancos se originaram da igreja. A igreja foi o primeiro banco do ocidente. Só que lá as raízes religiosas do banco ainda são visíveis, e aqui não são. Vocês nunca ouviram falar de m livro chamado “o banqueiro dos pobres” de um sujeito chamado Muhammad Yunus? É um cara que fez um banco para financiar favelados e deu certo. Mas ele cobra juros, o sistema dele não é o mesmo dos bancos islâmicos, mas remotamente se origina disso aí. Mas é um banco ocidental.

Aluno: tem uma função social.

Mas banco tem uma função social importantíssima. Hoje que nós achamos que o banco está aí para nos roubar. E no fim acabam fazendo isto mesmo. Assim como o especulador tem uma função fundamental para a sociedade.

Aluno: é possível conciliar o estudo e a compreensão da teoria geral do Ser num ambiente de teologia muito forte?

Hoje em dia no Ocidente não. Você tem que ver que quando você tem uma uniformidade religiosa porque não há outra alternativa, não há religião concorrente, por esse simples fato você tem uma liberdade muito grande ali dentro. O que quer que você fale você estará de alguma maneira dentro da atmosfera daquela religião. Então em mais ou em menos você participa da comunidade, daí a imensa variedade de escolas diferentes que você vê na idade média cristã e no mundo islâmico. Mas na hora em que as religiões começam a ficar muito próximas umas das outras e começa a haver concorrência então evidentemente há uma tentativa de se fechar num sistema mais dogmático e você fiscalizar mais. Então aí se torna impossível, inviável. Hoje em dia qualquer seita, por menorzinha que seja, ela tem que fiscalizar os seus membros para que eles não se contaminem da idéia do vizinho. No interior de São Paulo as igrejas protestantes ficam combatendo as festas de São João, os seus membros são proibidos de ir nas festas. Mas isso, por incrível que pareça, é fruto da democracia. Como as religiões podem concorrer no mercado então

naturalmente elas têm que se fechar e se defender uma das outras. Agora, se tivesse uma só tão dominante que nada pode derrubá-la então qualquer coisa que você disser você está dentro do conceito dela.

Aluno: então não tem solução prática.

Não, não tem solução teórica, prática tem. A solução prática é a própria democracia, ninguém pode violar seus direitos civis. Você vai na igreja e fala o que você acha, o padre não tem nada a ver com isso. Mas eu acho que esse tipo de precaução dogmática é uma novidade na história, até 1700 você não tem isso.

Aluno: não teve o caso de Santa Teresa D'Ávila?

Eu não conheço esse caso em particular. Mas as discussões da inquisição eram um caso muito sério. O inquisidor ia te procurar e as discussões levavam dois, três, dez anos. Quando você lê o parecer de São Roberto Belarmino sobre Galileu. O exame que ele faz das teorias de Galileu é mais inteligente que as teorias de Galileu. E hoje vê que ele tinha razão. Porque Galileu dizia que o Sol era o centro do mundo, e São Roberto Belarmino disse que isso não podia ser, que você pode representar assim se você diz que isso é uma técnica, mas que se você falasse que era verdade isso não se poderia aceitar. E de fato ele tinha razão. Não era uma babaquice para impedir o outro de falar, havia longas discussões. E muito do que nós hoje conhecemos como filosofia medieval nasce disso aí, não era um negócio policial.

Aluno: qual o interesse midiático desse negócio de inquisição como algo tenebroso?

Eu acho que você criar o fantasma da inquisição retroativamente é a uma das melhores maneiras de você aliviar sua consciência. Você representar uma época anterior como se fosse uma época de opressão terrorífica o impede de ver o que você está fazendo hoje. Existe em nossa cultura essa tendência de cuspir no passado. Arrumar um bode expiatório, já que morto não fala, você cospe em cima dele e ele não vai poder se defender.

Aluno: houve de fato repressão? Ensinam isso na escola.

Sim, houve, mas, se comparar com hoje em dia, houve em escala infinitesimal. Se você somar tudo o que a inquisição fez ao longo de quinhentos anos hoje em dia qualquer delegacia faz isso em um ano. Então você somando tudo e vendo o resultado final, dividindo pelo tempo e pelo número de países isso é absolutamente nada. Por exemplo, ao longo de três séculos nas Américas no tempo em que havia inquisição quantas pessoas foram condenadas? Trezentas pessoas, em toda a América hispano-portuguesa. Isso dá uma pessoa por ano. É ridículo. E isso em toda essa extensão continental.

Aluno: mas também quantas pessoas moravam aqui naquela época?

Todo mundo que ouve isso responde o que você está dizendo. Mas se você vê o aumento da população terrestre e o aumento do morticínio e da repressão, esta segunda é infinitamente maior, não é proporcional de maneira alguma. O crescimento do morticínio é inexplicável em termos de aumento da população. A revolução francesa em um ano mata mais do que a inquisição em quatro séculos. Depois chega a guerra civil americana, num país que estava começando e já mata cinco vezes mais do que a revolução francesa. Esse crescimento já não é nem geométrico, nem sei dizer que crescimento é esse, é uma coisa realmente anormal, não pode ser explicada pelo aumento da população. E note bem, eu não estou falando de pessoas que morreram de fome ou por erros de administração, não, morreram condenadas, com bala na

cabeça, câmara de gás, queimadas. E se for contar as que morreram de fome então aí é uma maravilha. Até porque a idéia de morrer de fome é recente na história. A idéia de deixar populações à míngua você não vê isso ao longo de toda a história humana. É um fenômeno relativamente novo, e especificamente do século XX. Quando você vê essas hordas de populações escravizadas, o senhor de escravos era estritamente responsável pela subsistência dos caras, eles não passavam fome não, esta noção não existia. Um dos grandes argumentos dos escravagistas era esse aí: por enquanto nós somos responsáveis por eles, mas e depois, quando virarem cidadãozinhos, o que vai acontecer com eles é que vão morrer de fome.

As nossas emoções e valores são tão associados a certas palavras que nós não conseguimos raciocinar fora daquilo. Se você fizer um certo recuo, por um lado você tem a situação de cidadão livre e por outro lado a de escravo. O que você prefere? Você está falando por você ou pela população em geral? É claro que eu prefiro ser um cidadão livre de uma democracia. Mas suponha que eu seja analfabeto, desamparado e que não sabe fazer nada. O que eu posso fazer com o direito de votar, com as liberdades civis? Não posso fazer nada, eu preciso de comida e proteção. Um cara desses provavelmente escolheria a escravidão, como muitos escolheram de fato quando houve a libertação dos escravos aqui. Agora, a nossa classe letrada e estudantes são pessoas infantis, acham que o mundo é uma ampliação das pessoas deles e acham que o que é bom para eles seria bom para todo mundo. Eles não têm imaginação suficiente para conceber pessoas numa situação totalmente diferente. Acham que o apartheid é uma coisa horrível. Mas vamos analisar o que aconteceu: os ingleses chegaram na África do Sul e encontraram populações na idade da pedra. Daí ocuparam o território e montaram uma sociedade para eles. Não é verdade eles não tomaram o território de ninguém, o território estava vazio, e começaram a montar uma sociedade de tipo ocidental. O que você vai fazer com a população local? Você pega o sujeito que ainda ontem estava comendo a própria avó e transforma em súdito britânico, ensina as leis, a common law? Isso é impossível, você vai ter que ter um período de transição, que foi justamente o apartheid. A outra possibilidade é que os ingleses não fossem para lá? Os negros estariam melhor assim?

Aluno: o apartheid foi concebido como uma transição?

Nós vemos hoje como uma transição. Na verdade foi concebido como uma solução prática, não uma solução de princípios. E não poderia ter sido de outro modo, porque logo que acabou o apartheid o que começou? O morticínio.

Aluno: o que você acha da indenização para os negros descendentes de escravos?

Eu sou contra. Eu acho que eles que deviam pagar indenização para quem os trouxe. Porque você foi tirado de lá, aqui você é um cidadão de uma república moderna com direitos, assistência médica... se você continuasse lá, você ou morreria de aids, ou de fome ou nas lutas tribais. Sua família foi salva, enquanto as outras morreram. Teve um líder negro que foi à África e viu que foi uma vantagem tremenda ter sido tirado de lá.

Se você é um garoto de rua e os caras te pegam e te vendem para um israelense. Os anos se passam e você é um homem, diplomado, cidadão israelense e rico. Mas que violência, me tiraram da minha terra. Então volta. Sua mãe ia te abortar e jogar no lixo, nós pegamos você, trouxemos para cá.

Aluno: qual a intenção dessas iniciativas?

É muito simples. Você cria identidades raciais por cima das identidades nacionais. Isso é coisa óbvia, só serve para dissolver identidade nacional. Vantagem objetiva não traz nenhuma para os caras, ao contrário, os desqualifica totalmente. O sujeito vai dar aula e acaba não levando

a sério os alunos da cota. Antigamente quando tinha revolução ou guerra todo mundo passava por decreto. No fim ninguém mais leva a sério.

Aluno: e a conferência de Durban?

Os judeus mereceram, porque foram burros. Eles ajudaram esses movimentos durante cinquenta anos e agora os caras se viraram contra eles. Não precisa ser muito inteligente para perceber que isso iria acontecer. Tava demorando. Os judeus foram idiotas, fizeram a corda com que vão se enforçar.

Aluno: o sionismo é um racismo?

Claro que não. O problema ali evidentemente não é racial. O sionismo é um movimento político. O nacionalismo não implica necessariamente um racismo. Claro que lá dentro você tem leis que criam duas classes de cidadãos, um de origem judaica, de primeira classe, e outro de segunda classe. Mas então você tem que combater essa lei e não o próprio movimento sionista, porque ali dentro a maioria mesmo não concorda com isso.

Aluno: do pouco que eu sei da história de Israel o relacionamento entre judeus e palestinos não era tão grave há vinte anos atrás.

Exatamente. Se você pensar bem, são vinte e oito países islâmicos em volta. Qual é a dificuldade de receber essa gente e dar um território para eles? Se vinte e oito países juntos não conseguem resolver então quem está criando problema ali de fato não é Israel. É a própria incapacidade que os caras têm de se organizar e que desemboca numa guerra. É mais fácil ficar numa guerra em que ninguém vai ganhar do que dar uma solução ao problema. O que não é difícil, não tem tanto palestino no mundo. Mas quem quer esses caras? Israel não quer, mas os países islâmicos também não, esta é que é a verdade. Então isto não foi feito para ter solução. Agora, é evidente que Israel tem atitudes imperialistas, mas, por outro lado, esses mesmos movimentos sempre foram ajudados pelos judeus. Eu acho que eles foram burros de ajudar. Porque judeu é inteligente, dá certo em tudo quanto é lugar e você vai ajudar um bando de fracassados, algum dia eles vão ficar contra você. Os caras que discriminam judeu discriminam porque têm inveja, os alemães na época do nazismo se roíam de inveja. Esse é um tipo de discriminado. E o outro que é discriminado porque é pé rapado, essa é uma situação completamente diferente. Não pode haver aliança entre esses dois tipos de discriminados não. É exatamente o que está acontecendo, é um grande grupo de fracassados que agora descobriu que o judeu está entre os privilegiados. Isso era fatal, porque desde os anos quarenta, desde a fundação do estado de Israel, você via a União Soviética e depois a China se aproximando dos povos árabes e africanos e ficar metendo minhoca na cabeça deles. Um dia estoura essa coisa. Agora, o judeu de Nova Iorque – não o imigrante, o filho de imigrante que já está rico e com diploma de Harvard – ele acha lindo entrar no meio, se aliar aos Black Panthers. É a história do Horowitz. Este viu a burrada que fez, viu que ajudaram um bando de caras que queriam matá-los. Mas o fato é que os judeus mais velhos também não foram capazes de educar e controlar seus filhos, criaram um bando de comunistas malucos.

Tudo foi feito no mundo nis últimos cinquenta anos para que o século XXI assistisse a uma onda de anti-semitismo como nunca antes se viu na história. Faz cinquenta anos que estão fazendo isso aí, um dia a coisa começa a acontecer. Agora começou. E eu não sei se dá para parar.

Aluno: no Brasil também?

Aqui não, aqui os caras nem sabem o que é judeu. Quando eu era moleque eu tinha uns amigos judeus cuja avó não falava comigo. Aí eu perguntei o porquê. Ela não gosta de você porque você é goy. O que é goy? É quem não é judeu. E o que é judeu? Isso é o Brasil.

Aluno: e a solução do problema é muito simples, mas deixam o sangue correr.

Agora, sangue correr não é problema nenhum, quando começa a acabar o dinheiro é problema mas sangue correr não é problema nenhum.

Aluno: a questão de Israel é muito valorizada, outros lugares estão piores.

O problema é quantos judeus tem na mídia. Esse problema aparece muito não porque Israel seja importante mas porque o dono do jornal é judeu e ele acha que é importante. O problema é que isso piora ainda mais a situação. Mas eu acho isso incrível. Quando você vê toda a política da União Soviética sempre foi de jogar essa gente contra Israel. Sempre foi. E os intelectuais de Nova Iorque botando lenha na fogueira, ajudando. É uma coisa de uma burrice incalculável. Na União Soviética ao mesmo tempo Stalin mandou baixar uma lei tornando crime o anti-semitismo e ele mesmo mandava fechar um monte sinagogas. Eles não entendem mentalidade de comunista. Comunista é um bicho dialético, onde você vê uma contradição intolerável ele acha que a contradição é uma coisa maravilhosa. E as pessoas tentam entendê-los logicamente, mas eles não funcionam logicamente. E o que é uma contradição antagonica, insolúvel e o que é uma simples contrariedade a mentalidade do comunista não pega. Tem uma contradição absurda e ele inventa um jeito de dialetizar verbalmente e acha uma solução sempre. Não interessa o que o sujeito faça você não tem meios de reconduzir à discussão lógica.

Aluno: tem que ser sempre no campo psicológico?

Não. A questão é hasta la victoria siempre. Esse é o segredo. Só uma coisa interessa: vencer. Se vai vencer por aqui ou por ali, se vai vencer na porrada, se vai vencer na conversa, se vai vencer subornando todos, se vai vencer depois de morto, não interessa, também serve. Se tem que matar metade do mundo para vencer e você ir junto também serve. O único critério é a vitória. E esse é o grande problema. No mundo ocidental, na democracia ocidental você não tem esse treino, você está lá no método científico, no Claude Bernard, no neo-positivismo, e vai raciocinar logicamente. Quando no ocidente surgiu o Anatoly Golitzyn, ele foi na CIA e passou informações essenciais que os caras não entenderam absolutamente. Anos depois de publicado o livro e se confirmar tudo o que ele falou daí os caras começaram a raciocinar.

Aluno: eles fez várias previsões e só quatro deram errado.

Só que eram coisas absurdas para a mentalidade ocidental. Você imagina se é possível dois países ocidentais simularem uma guerra. Ninguém faz isso, mas o comunista faz. Esse conflito sino-soviético é todo montado, isso nunca aconteceu. Mas morreu gente, tem tiroteio na fronteira, só que está tudo sob controle, é combinado. Só louco faz isso, mas comunista é louco, e vocês não entenderam isso ainda? Leva tempo. Eu levei trinta anos para perceber isso aqui, que essas pessoas não são normais, elas raciocinam de outro jeito, com outras categorias. Isto é uma doença espiritual que faz toda a mente do cara funcionar de outra maneira. E se livrar disto não é fácil. Vocês leiam a biografia do Horowitz, é um negócio complicado, um vai-não-vai. Quando eles lançaram a New Left nos anos sessenta eles acharam que estavam se livrando do stalinismo, eles achavam que não eram nem mais comunistas. Só que era Karl Marx, luta de classes, era tudo igual. Daí fizeram as mesmas coisas de novo. A desilusão que tiveram com o relatório Kruschev já deixou todo mundo em crise. Como solução para a crise inventaram a New Left. Passados quarenta anos você vê que a New Left já fez toda a porcaria de novo e daí dá uma nova crise

porque acabou a União Soviética. Então vão inventar a New New Left. Como já estão inventando.

No Rio Grande do Sul você chega e ele dizem que não são comunistas, que lá o regime é de democracia participativa. Sabem quem inventou a democracia participativa? O termo, o conceito, é da New Left americana dos anos sessenta. Está lá na declaração deles que eles não querem o comunismo, querem a democracia participativa. Nós estamos fazendo a mesma coisa toda de novo aqui. E os caras acreditam nisso com sinceridade. Eles acham que são diferentes, embora estejam fazendo a mesma coisa que Stalin eles são diferentes do Stalin, é uma diferença metafísica. A diferença é que o Stalin fez um monte de coisas horróricas, eu não sou um cara horróricas, então eu não vou fazer as mesmas coisas que Stalin.

Aluno: o comunismo é gnóstico?

É, essa é uma das fontes. Claro que tem sua diferença específica. Uma coisa é você ter uma raiz gnóstica e outra é ser um movimento gnóstico auto-consciente.

Aluno: como é o nosso caso.

Exatamente.

Aluno: teve a pesquisa em que a maioria pediu por uma revolução socialista.

Se falasse revolução comunista ninguém iria querer. Não quer revolução comunista então está bom, nós fazemos uma socialista. A maior característica do movimento comunista é fazer uma mutação da linguagem e da mente humana. Uma mutação terrificante. Esse negócio de dialética, esta é um método que só serve para intelectual e que pressupõe a abstenção de qualquer decisão. Se você entra na discussão dialética você radicalmente não sabe qual é a verdade. Então você coloca tudo entre parênteses até terminar o raio da discussão dialética. E a discussão só faz sentido se todas as decisões práticas e morais forem adiadas até o fim da discussão. Agora, se você fizer da dialética a própria estrutura da ação isso se transforma num instrumento diabólico. Porque a dialética em Marx não é uma técnica lógica, ela é um modo de ação. Então você vai estar constantemente desencadeando processos causais absolutamente contrários, contraditórios, com a esperança de que você vai obter um resultado no fim. Se você não consegue resultado, a confusão que você criou é por sua vez dialetizada. E assim por diante, indefinidamente. E isso é um poço sem fundo. Porque a mente humana de fato funciona dialeticamente, ela não funciona de maneira lógica. O que funciona de maneira lógica é a natureza, ela procede de maneira lógica e não dialética. Mas a nossa mente não, você tem entre os fatos conhecidos e as hipóteses concebidas todo o jogo dialético. Então a nossa mente para funcionar precisa não de um discurso mas de dois, um verdadeiro e um falso, no mínimo. Então, se você começa a estruturar a sua ação de maneira dialética isso tem um poder de contaminação da mente humana que é fantástico. Por exemplo: em Cuba há o negócio do cartão de racionamento. O que você faz? Você dialetiza. Você diz que esse é um modo de vida superior ao luxo burguês. Você transforma isso numa ética. O governo cubano faz isto. Não, o cartão de racionamento é uma forma superior de organização da sociedade porque as pessoas vivem na simplicidade evangélica. E você acha que o sujeito está mentindo quando diz isso? Não, porque não o conceito de verdade e de mentira não existe, só existe a dialética.

Aluno: é como a esquizofrenia.

É como uma esquizofrenia, mas não uma esquizofrenia clínica, é uma esquizofrenia do espírito. É uma doença do espírito, não da mente. O sujeito em sua conduta pessoal não é anormal, mas é anormal em sua conduta pública e política. Agora, para a mulher dele e para os

filhos ele é um cara normal, então por isso você não pode diagnosticar clinicamente. Tem gente que tenta explicar um Stalin, um Hitler, um Mao Tsé Tung pela psicopatologia pessoal, mas eles não são pessoalmente psicopatas porque isso implicaria incapacidade. E os caras não tinham essa incapacidade. Então ela não é uma psicopatologia, ela é uma noopatologia, uma patologia do espírito, da inteligência, que não afeta o restante.

Aluno: a religião tem como livrar disso?

Não porque a religião pode cair na mesma coisa. Não tem receita contra esse negócio, não tem solução, não tem remédio contra isso. As pessoas só não caem nisso se não quiserem. O grande problema disso é que você não tem nenhuma defesa externa contra isso. É o mesmo problema da loucura. Por que você não fica louco? Porque você não quer.

Aluno: mas por que essa patologia espiritual não vaza para a conduta pessoal?

Dentro da área da experiência que elas podem dominar pelo conhecimento direto elas são normais. Agora, ficam anormais quando começam a lidar com elementos que estão fora de seu círculo de experiência. Por isso que eu digo que é uma doença do espírito e não da percepção ou da memória. Quando você entra numa escala maior de história você está falando de coisas que não estão ao alcance de sua percepção sensível, então você substitui a sua percepção pela imaginação, e é aí que você começa a imaginar errado.

Aluno: mas não são determinadas conjunturas políticas que podem servir de gatilho para movimentos como nazismo e comunismo?

Sim, mas o que pode servir de gatilho são milhões de coisas. As pessoas só não entram nisso se não quiserem, esse é que é o negócio decisivo. Não existe nada que possa nos defender disso aí. Essas ideologias totalitárias são um desafio ao senso de responsabilidade humana. A maior parte dos seres humanos fica à margem disso aí porque nunca foi consultada a respeito do rumo da sociedade. Mas, de repente, você cria um treco chamado democracia onde todos são consultados, ou seja, qualquer um, de algum modo, pode influenciar, nem que seja um pouquinho, o rumo geral das coisas. Então aí ele é obrigado a tomar decisões sobre ações que transcendem infinitamente a sua esfera pessoal. Para isso ele precisaria ter uma imaginação saudável capaz de conceber planos maiores. Ora, a pessoa que é saudável na sua esfera de percepção não é necessariamente saudável na esfera da imaginação superior, da imaginação histórica. Então você vê indivíduos que têm uma conduta, uma psique normal na sua esfera de existência e que quando vão falar dessas esferas maiores como que transfiguram, suas imaginações começam a funcionar num outro código, ilusório. Vira os olhos. É o que eu chamo “o giro da tela do mundo”, a tela do mundo girou ao contrário, você vê tudo ao contrário. E como a imaginação está em outro código suas conclusões também vão para outro código.

Como é que se faz isso? Existem maneiras de você virar a cabeça de um cara em cinco minutos. Por exemplo, uma habilidade que o Hitler tinha e eu vi um cara que tinha também, que é o domínio do movimento dos olhos, de maneira que a pessoa consegue fazer um olho ir para um lado e o outro para outro lado. Você conversa com um cara fazendo isso e em dois minutos você fica idiotizado. Porque você quebra o elo entre percepção e raciocínio. Então o sujeito na base disso aí derrubava qualquer um. Eu conheci um cara que sabia fazer isso. O sujeito idiotizava qualquer um em dois minutos. Você para escapar disso precisa ter um recuo formidável, um nível de atenção muito elevado. Precisa ter uma continuidade de consciência muito grande para ver que o cara está querendo te enlouquecer. Tem que falar pára com isso rapaz! Mas só com isso você já imbeciliza. Você tem como imbecilizar o sujeito com uma frase que emboca na cabeça do sujeito como uma força estruturante. Você emboca uma expressão como todo o brasileiro tem direito a um padrão de vida digno. Emboca essa frase na sua cabeça

que você nunca mais vai ser um sujeito normal. O que é padrão de vida? O padrão de vida não pode ser definido em termos absolutos, só em termos relacionais. Então quem vai atender esse direito ao padrão de vida? Ele mesmo não pode ser, então tem que ser uma outra entidade. Eu não tenho como me dar um padrão de vida digno mas um outro alguém tem que me dar. Mas esse outro alguém tem por sua vez direito a um padrão de vida digno, e assim por diante. Com uma frase dessas você já imbecilizou a pessoa, porque você tira o cara da relação entre a linguagem e a significação da experiência, as pessoas não sabem mais do que estão falando.

Agora, há certas pessoas, como um índio, um índio de tudo que ele fala ele sabe do que está falando. Ele não fala nada além do que ele sabe. Se ele não sabe uma coisa ele também não sabe falar essa coisa. O caipira também é assim. agora, a educação moderna consiste em ensinar as pessoas a falar de coisas que elas não têm a menor idéia do que são.

Você acha que a educação é fácil? O pessoal hoje quer a educação universal obrigatória. Mas só um cretino que nunca tentou educar ninguém pode achar que isso seja um direito universal. A educação é uma coisa difícil e que pouquíssimas pessoas têm para dar. E agora você tem a obrigação de dar isso para todo mundo. Mas como obrigação? Você faz um esforço desgraçado para dar isso para alguns e às vezes você consegue. Se tornar uma obrigação o resultado é que você vai dar para todo mundo um negócio que já não é educação, é uma outra coisa, que vai se chamar educação. Você vai dar um simulacro que vai vacinar o sujeito contra qualquer possibilidade de se educar, e as pessoas vão achar que isso é um direito. Vão pagar imposto, mensalidades de escola, tudo para receber a anti-educação, que vai bloquear a capacidade de aprendizado dele muito rapidamente. Isto é uma gigantesca fraude. Nunca a educação poderia ser um direito universal obrigatório. Não pode ser, de jeito nenhum. A educação só pode ser dada por quem tem os meios de dar. Você não pode dar o que não tem. Simplesmente não há educadores em número suficiente para educar todo mundo, só uns poucos. Para aumentar isso aí precisaria passar mil anos, de pouquinho em pouquinho você vai expandindo isso. Agora, do dia para a noite todo o mundo tem direito a ter. Muitas pessoas têm o direito mas não têm a possibilidade.

Vocês viram meu artigo sobre a capacitação? Sobre a secretaria de educação de Minas Gerais? Foi sobre um documento que eu peguei em Minas Gerais escrito pelo departamento de capacitação. Os capacitadores de professores são totalmente analfabetos, não conseguem escrever uma frase. Se os capacitadores são assim, imagina os capacitados, professores de ensino médio.

Se você faz uma lei assim: todo o cidadão tem o direito de ser bonito. O que vai acontecer? Cai o padrão de beleza, é claro. Então a educação universal obrigatória é a mesmíssima coisa. As pessoas não vão receber educação coisíssima nenhuma, você vai dar uma fraude para elas, e no fim elas vão matar ou morrer pelo direito de obter esse veneno. O filho está na escola louco para sair, sofrendo com aquilo, e os pais achando que aquilo é a melhor coisa que você pode dar para seu filho. É horrível. Existe no mundo moderno todo um elemento de fraude incalculável. Na verdade a única coisa real que aconteceu em todo o período da modernidade é o capitalismo liberal. Isto aí existe e funciona. Agora, o resto... a democracia, os direitos humanos, educação universal obrigatória, é tudo fraude. Nada disso aconteceu.

E tudo isso aí por quê? Porque descobriram que o capitalismo liberal funcionava, então nós temos que inventar uma sociedade, uma política, que ajude a fazer isso aqui. então, o capitalismo funciona, o resto é tudo ideologia.

Aluno: é nesse sentido que o capitalismo é causa do comunismo.

Não só nesse sentido. O capitalismo cria necessariamente o comunismo porque cria a classe intelectual ociosa, que é o reservatório de comunistas, que é a famosa burocracia virtual. Quando esses liberais entenderem que o liberalismo é apenas uma técnica econômica e não um regime, que não existe regime liberal no mundo, que isto ainda está para ser inventado, que eles não têm nada a oferecer além de um sistema econômico e que o resto foi apenas um improvisado

ideológico para justificar o sistema econômico, daí eles vão começar a pensar seriamente no problema. A melhor maneira de você não resolver um problema é achar que não tem o problema. A teoria política liberal inteirinha, da primeira à última linha, é toda bobagem. John Locke era um cretino, Kant era um idiota... é um negócio fantástico. Aquilo ali é coisa de retardado mental, toda a teoria política liberal. O fato é que não existe um regime político, e muito menos um esquema cultural, uma cultura que esteja à altura da complexidade e da eficácia da economia capitalista.

Aluno: mas o liberalismo não é baseado em problemas práticos?

Ele funciona, mas por motivos econômicos. Quer dizer, os caras descobriram como é que faz para ficar rico. Já é alguma coisa. Agora, você achar que a partir disso aí você descobriu como é que você vai fazer uma sociedade, um mundo melhor... não, você só descobriu um jeito de ficar rico, o resto não, ainda está por descobrir.

Aluno: mas o liberalismo está aí, é um fato.

É, tem nos Estados Unidos e Inglaterra. Onde mais? Só tem lá. E mesmo assim nos Estados Unidos já está acabando. E na Inglaterra você tem quarenta mil câmeras para espionar o cidadão. Você vê que a democracia liberal acaba com ela mesma. O resultado é o seguinte: nós não sabemos como fazer essa porcaria de democracia liberal. Isto ainda tem que ser estudado, pensado, ainda vai levar dez séculos para resolver esse problema. Agora, quando você vê a delicadeza, a eficiência, a arte do capitalismo, e compara com as teorias de John Locke, não é possível, é um desnível muito grande. Porque o capitalismo surge de uma experiência milenar, algum capitalismo na verdade sempre existiu. Ele não é um regime, ele sempre existiu, apenas começou a crescer a partir de um certo momento. Algum tipo de capitalismo sempre existiu, misturado a outras formas econômicas menos eficazes. Quando você lê a história da Inglaterra você vê que já existia algum rudimento de economia de mercado no começo da idade média, e é por isso que conseguiram fazer alguma coisa ali. Mas a democracia liberal é primeiro inventada por meia dúzia de caras e depois tentam aplicá-la aqui e ali. Ou seja, nós não temos experiência disto, isto é uma simples teoria que os caras inventaram. Então, a prática do capitalismo comercial nós temos há milênios. Então nós sabemos fazer isso, e foi acumulando, acumulando, acumulando, os caras foram percebendo como é que a coisa funcionava. Se você compara as obras dos economistas com a dos teóricos políticos, é você comparar um relógio a quartzo com ampuheta.

Aluno: nesse ponto então nós estamos na mesma situação que os islâmicos.

Claro, eles tem uma deficiência, mas de certa maneira o problema nosso é o contrário do deles. Eles têm uma certa unidade cultural, um princípio ético que funciona e sinceramente não estão muito preocupados com a organização política. Eles estão interessados em religião, se a política está ruim dane-se, eles não ligam muito para isso. Você tem que ver também que ao longo da história do ocidente a preocupação com a política começa no século XVIII.

Aluno: será que nosso erro não é se preocupar com a política?

Não, o que ocorre é que houve uma expansão capitalista formidável e você não tem uma política capaz de arcar com a complexidade daquilo. Você tem um sistema econômico que funciona como uma máquina de alta precisão e em política você tem meia dúzia de fórmulas idiotas como os direitos humanos. Isto quer dizer que a inteligência econômica foi infinitamente além da inteligência política; e cultural e moral também. O problema do capitalismo é sua tremenda eficácia. Ele pode, de fato, resolver os problemas econômicos da humanidade inteira,

pode acabar com a miséria. Se você vê o que aconteceu em duzentos anos, é monstruoso. Qualquer país que comece um capitalismo, ele em vinte anos consegue produzir mais riqueza do que toda a humanidade produziu ao longo de toda sua história. Isto aí é o capitalismo, é genial. A gente dizia mandar calar a boca dos socialistas que reclamam da miséria porque os últimos que podem falar de miséria são eles, porque só conseguem produzir mais e mais miséria, não sabem alimentar nem um cachorro. Isto é o que nós sabemos resolver, através do capitalismo. Nós só não sabemos nos livrar de vocês. Nós começamos a ficar ricos e começa a aparecer um bando de comunistas. Por quê? Porque nem só de pão vive o homem, existem outras necessidades que o capitalismo não pode atender. Então no desespero os caras vão para o comunismo.

O comunismo é a doença infantil do capitalismo. Aliás, dos filhos de capitalistas e de todas as pessoas beneficiadas pelo capitalismo. Agora, se você vê como funciona o capitalismo, a elegância da economia capitalista, que coisa linda que é, e depois vai estudar a economia marxista... o sujeito que lê o Capital e leva a sério, tem que bater num cara desses. Porque a economia marxista é baseada em coisas como a lei de ferro dos salários, que diz um salário sempre será um salário de fome porque se você começa a pagar mais o proletário fica mais rico e por isso tem mais filhos e aumenta o proletariado e aí você tem que dividir, o que faz o salário baixar. Quer dizer, é coisa de retardado mental, o sujeito é comunista e fala um treco desses?! Porque o proletário se chama proletário? Porque ele tem prole. Isto quer dizer que quanto mais pobre o sujeito é mais filhos ele tem, se sobe o nível de vida ele vai ter menos filhos. Todo mundo sabe disso, em teoria é assim e na prática se mostra que é assim também. Então a lei de ferro dos salários não pode funcionar nem um único dia. A teoria do valor de Karl Marx, o valor da mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho necessária para produzi-la. Mas como?! O valor da mercadoria não tem nada a ver com a indústria, tem a ver com o comércio, portanto não há nenhum meio de você deduzir o valor à partir da produção, e sim do consumo. Valor é um conceito que tem a ver com o consumo e não com a produção. Não tem nenhum jeito de você calcular o valor da coisa a partir da produção, isto é impossível. É como você querer calcular a saúde de um cara a partir da idade dele ou da altura. Uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Aluno: tem, porque se o valor do produto no mercado for abaixo do custo ou você para de produzir ou você tem prejuízo.

Então é o contrário, o valor limita a produção, nunca é determinado por ela, ela é que tem de ser determinada por ele. A produção é limitada pelo valor que as pessoas admitem pagar. Então o valor é totalmente autônomo em relação à produção enquanto que a produção não é autônoma em relação ao valor. Agora, o idiota do Marx quer calcular o valor a partir da produção. Quer dizer, no começo do Capital ele faz tanta bobagem que era para ler vinte páginas e jogar fora, era um analfabeto.

O problema com Marx é o mesmo problema que temos com a psicanálise, o desconstrucionismo, entre outras. Estas teorias têm o seguinte problema: quando Aristóteles começa a estudar a Ética e a Política ele percebe que está lidando com objetos um pouco diferentes dos objetos de outras ciências como Zoologia e Meteorologia. Qual é a diferença? Bom, com relação à zoologia, você pode ter por um lado os fatos da natureza e por outro lado as opiniões humanas a respeito. Então você pode isolar uma coisa da outra, as opiniões de um lado e os fatos do outro e corrigir as opiniões a partir dos fatos. O sujeito diz que a gestação humana dura cento e vinte e cinco meses. Bom, você conta os casos que você conhece e vê que eles terminam em nove; depois de um bilhão de vezes você diz que são nove e não cento e vinte e cinco. Agora, no domínio da ética e da política as opiniões não podem ser isoladas dos fatos porque elas estão na própria natureza dos fatos. Por exemplo, se você lê que a constituição de Esparta privilegia o treinamento militar, isto é um fato. Só que o que é este fato se não uma opinião que os espartanos têm a respeito do que deva ser a educação, o estado e a vida humana? Isto quer dizer que nos assuntos humanos as opiniões e as interpretações fazem parte da

estrutura dos fatos, não podem ser isolados. Você não tem aqui o fato e ali a opinião, é, no fim das contas, a própria opinião que você está estudando.

Em segundo lugar, as opiniões não coincidem, um acha isso e o outro acha aquilo. Esta própria multiplicidade de opiniões também faz parte da estrutura dos fatos, você não pode jogar uma opinião fora só porque você não concorda com ela. Só porque você não concorda ela não deixa de existir. Então qual é o remédio? Como fazer diante disto aí? Quer dizer, enquanto você está lidando com os seres da ordem natural eles se apresentam a você de certo modo incontaminados pelas suas opiniões. Qualquer que seja a sua opinião a respeito da vaca e da galinha a primeira vai dar leite e a segunda vai botar ovo e não o contrário. Então, mesmo que você pense o contrário, a vaca e a galinha vão continuar fazendo o que sempre fizeram, independentes de você e algum dia você pode corrigir a sua opinião. Mas na ordem humana não há nenhum jeito de você fazer isso, porque as opiniões estão imbricadas na própria estrutura dos fatos. Elas definem o fato de algum modo e ao mesmo tempo são definidas por ele. Qual é o processo que você tem que usar? Não pode ser o processo de simples observação e indução como você usava na esfera natural. Na esfera natural você observa o bicho, vê se ele bota ovo, se ele voa, ia anotando e depois chegava a certas conclusões. O próprio Aristóteles tinha vários bichos, examinava os costumes deles, a fisiologia deles, e corrigia suas opiniões de acordo com o que observou. Então você vê que a observação dos fatos na ordem natural exerce uma função estabilizante e esclarecedora sobre as suas opiniões. Onde que haverá no domínio dos estudos humanos, sociais ou políticos, o equivalente disto? Qual será este elemento esclarecedor e estabilizador? Aristóteles chega à conclusão de que a única maneira de fazer isto é você confrontar as várias opiniões e os vários dados que você tem de modo a você encontrar por baixo delas a unidade do fenômeno definido de tal maneira que esta variedade de opiniões pudesse ser deduzida dela. Ou seja, se você conseguiu captar a unidade de um fenômeno de maneira que esta unidade contém dentro dela o desenvolvimento possível dessas várias opiniões contraditórias então aí você captou o que aconteceu mesmo.

Aluno: pode-se dizer que Aristóteles inventou a redução fenomenológica?

De certa maneira sim. Mas a redução fenomenológica não procede por esta confrontação. Ela isola um fato e o descreve isoladamente. Isso é a dialética na verdade. E a dialética é o verdadeiro método científico. No campo das ciências naturais você também faz a mesma coisa só que o elemento estabilizador já vem pronto. A unidade do fenômeno vaca está na própria vaca, você só precisa perceber. Agora, a unidade dos fenômenos na esfera política, social, humana em geral, ela não pode ser percebida, ela tem que ser concebida. Porque, primeiro, o material não está à sua disposição, os fatos não vão recontecer; segundo que a maior parte desses fatos é constituída de palavras e de idéias, então você tem que na sua memória reconstituir e levar à confrontação progressiva das várias atitudes e opiniões até você pegar o núcleo de unidade por trás de todos esses conflitos. Então você só entendeu o fenômeno na hora em que você conseguiu explicar o que estava acontecendo e explicar em termos tais que a diversidade de opiniões apareça como a própria manifestação da unidade do fenômeno que você está estudando. Então aí você elevou o estudo político ao nível conceptual, aí você tem o conceito efetivamente. Antes não, você só tinha impressões. De um conjunto de impressões contraditórias você tem a confrontação dialética e vai encontrando os princípios comuns que estruturam toda aquela confusão. O Aristóteles fazia isso tanto para o estudo da Política como para o estudo de qualquer questão filosófica, ele pega as várias opiniões e procura o princípio de unidade por baixo daquilo que estão falando. Onde há uma divergência, nenhuma divergência é total, toda divergência parte de um ponto comum, então você tem que achar este ponto comum de modo a explicar a divergência. Isto acontece no plano das idéias como acontece no plano dos fatos sociais. Numa confrontação política, por exemplo, se eles estão em oposição sob algum aspecto é porque sob outro aspecto eles são concordes. Você não pode fazer uma batalha entre dois exércitos se eles não estiverem concordes quanto ao lugar onde vai ser a batalha.

Isto aí permite você formar o conceito de modo que você saiba do que você está falando. Quando você não tem o conceito então você tem impressões, expressas, por sua vez, em figuras de linguagem, em metáforas, em alusões. Agora, se você pegar um monte de metáforas, alusões e impressões e montá-las logicamente, ou dialeticamente no sentido de Hegel, com toda uma elegância expositiva, você vai ter uma fantasmagoria de ciência, porque a estrutura geral será científica mas os elementos considerados não são. Então, a ciência se constrói com conceitos e não com palavras. O conceito é a expressão da unidade real de um fenômeno, de uma situação. Captar o conceito é a primeira providência científica. Se não tem isso, o resto, o uso de lógica, dialética, estatística, tudo isso só servirá para fazer fantasmagoria. Você vai fazer um monte de medidas exatas mas não sabe de que está falando, você constrói um edifício lógico mas também não sabe do que você está falando. A única garantia de conexão entre o discurso científico e a realidade é precisamente o conceito. Daí o sentido do termo conceito, você vai catar, agarrar, você vai pegar as duas coisas ao mesmo tempo, de um lado a estrutura lógica e do outro o fenômeno, e você está pegando os dois juntos. Ao mesmo tempo em que você pega a estrutura lógica você está pegando o próprio fato.

Aluno: eu posso fazer isso para o socialismo e o capitalismo?

Bom, você pode usar essas duas palavras e elas serem conceitos ou não. Você usar a palavra não quer dizer nada.

Aluno: fixar o conceito nominal?

Não, conceito nominal não é conceito nenhum. Se é algo inventado também não é conceito. A definição nominal é um termo, mas um termo não é um conceito. O termo é o nome de um conceito. Se você tem somente o nome do conceito e não tem a coisa então você não tem conceito nenhum. Ora, se você pegar toda a obra de Karl Marx, inteirinha, não há um único conceito. Porque não tem um único conceito que ele discuta e sem a discussão dialético do conceito você não chega lá.

Aluno: é um conceito dele.

Não é um conceito dele. é uma palavra que ele inventou. Ele define valor como a quantidade de trabalho socialmente necessária para produzir. É melhor não usar a palavra conceito nesse sentido porque aí você vai se confundir, porque isto não é um conceito, é uma palavra, é um termo. Agora nós nos viciamos em dizer o conceito que Karl Marx tem, mas se é um conceito que Marx tem então não é um conceito. Sobretudo foram os americanos que viciaram nesse sentido da palavra conceito. Concept quer dizer um treco que eu inventei. Mas como se você não está captando nada mas foi apenas você que inventou? O conceito é a coisa mais básica do pensamento científico, se você não tem isso então você não tem nada. Então, Marx não tem conceito nenhum, ele tem uma noção, que é uma impressão. Não existe o conceito de valor em Karl Marx, existe a noção de valor.

Aluno: fazendo isso ele acaba não falando objetivamente.

Claro. A mais-valia já é deduzida do conceito de valor, que é deduzido do conceito de trabalho. Agora, não são conceitos, são noções. Você pode perguntar o que o sujeito entende por trabalho. Isto que ele estava fazendo era um trabalho? Quando ele ia pedir dinheiro emprestado para o Engels isso era trabalho? Não tem conceito de trabalho, não tem conceito de valor, não tem conceito de classe, muito menos conceito de luta de classes, não tem conceito de coisa nenhuma, aquilo lá é um blá-blá-blá, uma bobagem. Agora, a humanidade caiu tanto

intelectualmente desde o tempo de Aristóteles que as pessoas vendo um calhamaço de três volumes e se impressionam, parece um bando de índios que aceita espelhinho.

Aluno: como quando usam estatística para provar algo.

Estatística não comprova nada, coisa nenhuma. Se você não sabe do que você está falando você não sabe o sujeito da frase, então o que quer que você diga pode ser e pode não ser. Então isto tudo é ficção, é discurso poético.

Aluno: mas é que ninguém leu mas tem gente que diz que ele é o máximo.

Então você vê que nós estamos em plena superstição, nós somos todos índios. Um sujeito do Alto Xingú é elevadíssimo em comparação com os nossos acadêmicos. O índio, se você chegar lá dizendo algo que ele não sabe o que é, ele vai achar que você o está enrolando. Nós não, o sujeito faz isso e a gente aceita.

Aluno: a filosofia não corre assim o risco de ficar somente criando palavras?

É óbvio, se você não fizer os procedimentos certos você não vai transformar aquilo em conhecimento científico. O velho Aristóteles já disse que é assim, assim e assim que se faz.

Aluno: mas o método de Aristóteles é apenas mais um opinião.

Analisa o que você falou. Isto é o que Aristóteles acha, o outro acha outra coisa. Raciocine assim: Aristóteles acha isso e o outro acha aquilo. De onde eles tiraram essas opiniões? Eles estão falando da mesma coisa ou são de duas coisas? Tem um outro jeito de você fazer isto se não pelo mesmo método que Aristóteles acabou de explicar? Essas opiniões são comparáveis ou incomparáveis? Quer dizer, não adianta nada você pegar esse método de Aristóteles e tentar qualificá-lo de opinião e tentar reduzi-lo a opinião, não adianta. Porque você fazer isto já é usar o próprio método de Aristóteles. Não tem escapatória. Se você pegou o método de Aristóteles e comparou com outro você já começou a usar o método de Aristóteles. Isto é como o princípio de identidade, quando você tenta impugná-lo você o reitera. Esses limites do pensamento humano que nos dão o senso do que é o transcendente em relação à nossa psique. Você sabe que está falando de um coisa objetiva porque você sabe que aquele de que você está falando transcende a sua psique, ele não foi criado pela psique, a psique não poderia criá-lo. Se existem várias opiniões a respeito de um assunto, isso só pode acontecer porque em algum ponto elas se coincidem. Porque se elas fossem opiniões totalmente diferentes a respeito de coisas totalmente inconexas elas não seriam opiniões divergentes. Se elas divergem elas têm algum ponto em comum. Se você chega a perceber que elas são divergentes então você percebe que elas estão falando mais ou menos da mesma coisa. Isto não é escapatória, isto não é uma opinião, isto é a possibilidade da existência de opiniões. Então você entende que o opinar não é totalmente livre. Não é e não pode ser. Está sempre condicionado ao objeto do qual você está falando. A não ser que seja uma opinião a respeito de uma opinião, que versa sobre outra opinião, que diz respeito a uma outra opinião... aí é impossível. Mas chegar a um limite.

Aluno: então toda a opinião dada tem algum vínculo com o objeto estudado.

Tem sempre uma raiz lá, mesmo que seja imaginária. E duas opiniões têm um vínculo também. Tudo que diverge o faz em torno de alguma coisa. Então se você tem duas opiniões e um ponto comum, este ponto comum não é nem uma nem outra. Por exemplo, um diz que o cachorro é amarelo e o outro diz que o cachorro é branco. O que é cachorro não é nem esta opinião nem aquela opinião é um terceiro negócio. De onde você tirou a idéia de que é amarelo e

de onde o outro tirou a idéia de que é branco? Tiraram de um negócio que se chama cachorro e que não é nem a primeira opinião nem a segunda opinião. Agora, de onde esse elemento chamado cachorro se oferece a que você conclua que ele é branco ou que é amarelo? Isto também não é nem a primeira opinião nem a segunda opinião mas é a origem delas, ou seja, a experiência real que está subentendida na opinião. Agora, hoje em dia se faz um esforço monstro para que a esfera verbal se torne completamente independente da experiência. Tudo são opiniões. Mas isso só na esfera verbal. Você pode até dizer que todas as opiniões se equivalem, mas você não pode praticar isto um único minuto. Em nada você pode agir com base nisso. Então é uma coisa que você só pode falar, logo é a mesma coisa que não falar nada. O sujeito que diz isso não pensa assim nem pode pensar. É o fetiche da palavra. Mas, com o ativismo bocó do século XX, nós chegamos a isso por causa de vários séculos de pseudo-ciência.

Aluno: é uma fuga da realidade.

Eu acho muito natural a reação de fuga da realidade, ela é normal no ser humano. Você fica com medo. Criança fica com medo e cobre a cabeça com o cobertor para não pensar nisso. Pode ser que isso funcione. Num filme o Burt Reynolds invadiu a casa de um sujeito para interrogá-lo sobre um crime. O cara sabia que não aguentaria umas porradas e daí tomou vários soporíferos. O sujeito batia nele e ele não acordava, não adiantou nada. Daí o outro saiu puto da vida. Quer dizer, pode ser que às vezes esse método funcione. A reação de fuga é sempre possível, só não é recomendável. Mas se o sujeito está fugindo e ao mesmo tempo achando que está dominando a realidade. A idéia de que há coisas que eu não posso saber, que são horríveis, é normal no ser humano. Todos têm que saber o limite de suas forças.

Aluno: mas a filosofia não corre o risco de fugir da realidade?

Mas o problema não é saber se ela corre o risco, o problema é saber se ela foge ou não. O risco sempre existe. Não é nem um risco, é até um direito. E isto acontece muitas vezes. Pelo menos há quatro séculos existe um esforço de fugir da realidade. Porque na hora em que se rompe a unidade do mundo cristão então cada sujeito que começa a pensar não tem mais aquela referência civilizatória de mil e quinhentos anos, não tem mais Jesus Cristo que desceu para garantir o que ele vai fazer. Ele está sozinho e apavorado. Então é normal que muita gente invente estória da carochinha nessa altura. Em qualquer crise civilizacional os indivíduos rompem com a unidade daquilo e estão sozinhos. Ninguém é de ferro.

Aluno: a filosofia que antes era uma coisa só se fragmentou e dela saíram as várias ciências que falam de coisas reais e a filosofia...

Não. A divisão entre ciência e filosofia não tem nada a ver com isso. Mesmo porque tudo o que nós chamamos de ciência hoje não é nada mais que um capítulo de uma filosofia que começa a se desenvolver no século XVI ou XVII.

Aluno: mas o ramo científico que se fixou ao estudo da realidade...

Mas a ciência não se fixou à realidade não, a ciência inventou histórias da carochinha para caramba. A ciência moderna começa na hora em que Galileu desiste de estudar fenômenos e começa a inventar modelos.

Aluno: mas baseado em observação de fatos.

Não, mas qualquer modelo é baseado na observação de fatos, o problema é saber se você se atém à observação ou se rompe com ela em certo momento, que foi o que Galileu fez. Toda

fantasia, por mais maluca que seja, tem um pé na realidade. Mas quando Galileu inventa a superfície sem atrito aí acabou a realidade.

Aluno: mas existe o jogo de ida e volta para saber se a realidade está correspondendo ao modelo.

É verdade. Só que uma vez que você disse tchau para a realidade você não pode reconquistá-la por medições mais precisas, porque a realidade está no conceito. Você só pode apreender a realidade mediante o conceito, você saber do que você está falando. Mas se você não sabe, se você convencionou uma coisa, e depois mesmo que você faça milhões de medidas cada vez mais aproximativas você vai continuar na fantasia. O que não impede que você manipule essa realidade que você desconhece. Você não sabe o que é mas você sabe obter algum efeito e isto te dá a ilusão de que você conhece. Ora, manipular a realidade é uma coisa e conhecer é outra completamente diferente. Ora, eu posso obrigar uma pessoa a se comportar como uma galinha – ponho um revólver em sua cabeça e mando fazer cocoricó até botar um ovo. Isto quer dizer que eu sei alguma coisa a seu respeito? Não sei nada, eu simplesmente transformei sua natureza.

Aluno: é aquele negócio de que conhecer a realidade não é preciso.

É este o ponto. É o famoso: os filósofos interpretaram a realidade, mas agora o negócio é transformá-la. Mas transformá-la é a maior moleza do mundo. O difícil é o contrário. Você pode até inverter a frase: até agora só transformaram a realidade, o negócio agora é compreendê-la.

Aluno: mas transformar é também um desafio, dependendo da transformação.

Maravilhoso. Só que tudo aquilo que você transformou em outra coisa não existe mais, portanto não pode mais ser conhecido. Só tem esse pequeno detalhe. A ação sobre a realidade cria mistérios e portanto você tem que ter o equilíbrio entre conhecimento e ação senão você fica doidinho. Você é capaz de fazer um forrobodó, de fazer ações que modifiquem a face do mundo e não entender nada do que você fez. Quando você lê as confissões de Napoleão no fim de sua vida, ele fez um rolo tremendo e não estava entendendo nada do que fez. Mas se a ação é assim que controle você tem sobre os efeitos? Você não tem controle nenhum. Agora, como é que você pode chamar de ação uma coisa que remexe as coisas e você não sabe no que vai dar? Ação no sentido de ação racional tem um efeito calculado, mas não somente num ponto específico mas no global. Então toda a idéia moderna de você partir de um conhecimento convencional e agir com base nele afasta você infinitamente da possibilidade do cálculo das consequências.

Aluno: mas é possível fazer um cálculo de consequências exata? Nós nem temos como conhecer totalmente a realidade.

Mas não precisa conhecer totalmente. Quando você vai no médico tratar suas hemorróidas você quer que ele cure sem ter um efeito colateral devastador. Isso não quer dizer que ele vai ter que calcular tudo. Doutor, eu quero que o senhor cure minhas hemorróidas de tal modo que isto beneficie minha situação econômica, melhore meu casamento, me torne mais bonito. Não é tão global assim. Eu estou falando de campos determinados. Agora, se o sujeito curou suas hemorróidas mas você pegou câncer então é porque não funcionou. E o que acontece em grande parte das ações transformadoras no mundo hoje é que elas têm efeitos colaterais incalculavelmente piores do que a situação que estava antes. A capacidade de cálculo dos caras diminuiu.

Aluno: (???)

Exatamente. Você vai começar a mexer como criança, que mexe, remexe e não sabe no que vai dar, é o aprendiz de feiticeiro. Agora, o primeiro aprendiz de feiticeiro dessa longa série é o próprio Galileu. Ele era um super-cretino. Se ele lesse as coisas que São Roberto Belarmino escreveu e levasse em conta poderia ter sido um grande negócio. Mas, a partir da hora em que os caras descobriram que você não precisa saber o que é, você apenas conveciona o negócio que a gente faz o cálculo aproximativo para acertar. Então você fica com esse negócio das aproximações sucessivas que nunca terminam e então é aí que você nunca mais vai saber do que você está falando. Isto não é conhecimento. Isto é uma tecnologia da tentativa e erro. Você vai deixar para acertar depois os arranjos posteriores quando eles já poderiam ter sido previstos desde o início. Então isso é uma aposta na porra-louquice. Então quando você vê esse negócio de armas atômicas, quando você vê que o Openheimer primeiro fez a bomba, daí a estouraram, e só aí ele pensou na cagada que fez, ele não sabia de antemão que era uma cagada? Precisa estourar antes para depois entender? Se você faz a bomba não é para estourar. Daí você vê que a capacidade de previsão dessas pessoas é um negócio absolutamente deplorável. É uma racionalidade diminuída. Ela não está funcionando em toda as potencialidades.

Aluno: ele achou que ficaria só na ameaça.

Mas ameaça de quê? De estourar a bomba. Uma ameaça que não pode ser cumprida não é uma ameaça. É blefe. Para blefar não é preciso ter bomba nenhuma, é só dizer que tem.

Aluno: isso tem alguma relação com o fato de que a ciência moderna se preocupa mais com as causas eficientes e materiais do que com as finais e formais?

Não precisa nem ter causa eficiente. Você nem precisa da própria noção de causa. Você só tem uma sequência repetível, se tem causa por trás ou não nem isso precisa saber. Ou seja, você não precisa saber é nada. É só apertar um botão aqui que vai acontecer tal coisa. No fundo a ciência moderna se resume a isso aí. Agora, para corrigir isso precisa voltar lá atrás e buscar os conceitos que você não quis buscar.

Aluno: isso não presuporia um fim ou a idéia de que é possível abarcar a totalidade do real?

Provavelmente isto não terá fim. Mas isso não é uma objeção séria porque você não precisa de todos os conceitos de uma vez você precisa só do conceito daquilo que você está investigando. Existem conceitos finitos que, dentro de um âmbito finito, você consegue obter aquilo com uma exatidão tremenda, porque a realidade foi feita de tal modo que existem coisas que realmente são independentes das outras. É o famoso negócio de Husserl, não existe uma trigonometria dos leões nem uma fisiologia dos triângulos, portanto não se preocupe que nada que aconteça na fisiologia mudará a sua geometria nem vice-versa. É que hoje também nós chegamos a uma confusão tal que nós temos a idéia holística de que tudo influencia tudo, mas isto simplesmente não é possível. Tudo pode influenciar tudo só no nível divino, mas no universo real isso não pode acontecer. Tem que haver coisas que não influenciem em nada as suas vizinhas porque senão não haveria a diferenciação da realidade. O holismo é o princípio místico com o qual você procura unir ilusoriamente um outro tipo de coisa neurótica que você também criou que é o convencionalismo científico. Você não aguenta mais aquilo então você busca uma impressão de realidade que te alivia. Agora eu vou me abrir para o todo. Isso é uma palhaçada.

Aluno: mas a busca do conceito não é um fator muito limitante para a prática. Por exemplo, eu tenho um barco e em vez de navegar vou ficar tentando explicar porque não afunda.

Não, você está enganado. Explicar porque o barco funciona já não é um problema conceptual. Você vai aplicar o conceito, barco, que você já tem para daí descobrir o mecanismo causal. Eu estou falando de você saber o que é barco.

Aluno: mas será o índio sabe o que é barco? Para ele isto é somente algo para andar sobre a água.

Claro que ele sabe o que é barco. E este é justamente o conceito de barco. Você tem o conceito claro de uma coisa quando você não a confunde com outra. Enquanto você raciocina sobre aquilo você não aplica aquilo indevidamente a seres de outra espécie. A classificação dos gêneros e das espécies, qualquer pessoa que não tenha sido muito afetada pela cultura moderna tem isso perfeitamente arranjado porque ela só tem conceitos de objetos que estão ao alcance de seus sentidos ou de coisas que são muito costumeiras. Podem ser coisas que não são físicas, podem ser coisas realacionais como as relações familiares, mas eles sabem o que é isto. Mas à medida em que você começa a participar da discussão você começa a lidar com entidades que estão além de sua experiência. E aí você esquece de buscar os conceitos respectivos e então você já não sabe mais do que você está falando. O conceito de barco você não precisa ser muito inteligente para obter. Agora, o conceito de governo, de lei, de direito, de classe, aí complica. É claro que se você for aplicar esse procedimento direitinho a produção científica diminuirá. Mas que diferença isso vai fazer se 99% da produção científica ninguém lê? A possibilidade de que um trabalho seu científico seja consultado por alguém é mínimo. Então se você não o fizer fará diferença para você, para os outros não. Então a ciência não deixará de progredir por causa disso.

Aluno: afetaria o mercado editorial científico.

O mercado editorial científico iria para o brejo, sem dúvida. Então o fato é que a estrutura da produção científica hoje não tem nada a ver com o conhecimento, tem a ver com mercado de empregos. Você contrata um monte de caras para fazer um monte de pesquisas que não interessam a ninguém, ninguém vai consultar, e não vai levar a absolutamente nada. Pior, se nós pararmos com isso o que vamos fazer com essas pessoas? Daí que elas vão fazer a revolução comunista mesmo. Por enquanto você ainda pode arranjar uma bolsa da Fapesp para o sujeito. Mas se não tiver nem bolsa da Fapesp aí tem que mudar o estado. Nós somos a intelectualidade, nós sabemos e nós não mandamos nada. E esta é a classe revolucionária. A classe revolucionária é, sem dúvida, a pseudo-intelectualidade, a sub-intelectualidade, que não pode se situar corretamente dentro das tarefas intelectuais, primeiro porque é gente demais, segundo que não estão capacitados. Ou seja, esta idéia de que a educação universal obrigatória vai criar uma efusão de inteligências sobre a face da Terra, ao contrário, cria uma efusão de burrice. Porque simplesmente não é possível você pegar uma multidão de caras de origem camponesa e transformar todos em doutores. Isto é impossível, idiota, imbecil, dessarzoável, não tem motivo para fazer isso, isto é puro fetichismo. Além disso é uma projeção de valores da própria intelectualidade sobre as outras pessoas. Por que a educação vai valorizar o ser humano? Quer dizer que se ele não tem educação ele não tem valor? A educação vai te valorizar se você for um cara da profissão intelectual e precisa saber isso e aquilo. Agora, se você quer ser ascensorista, entre o ascensorista letrado e o analfabeto que só sabe contar até dez e apertar botão, isso para o ascensorista não vai valorizá-lo coisíssima nenhuma. É o intelectual que imagina que a única coisa decente a ser na vida é ser intelectual e o resto ele acha que são uns condenados, são infelizes, ele acha que todos tem de ser doutores, que eles estão sofrendo, mas na verdade quem está sofrendo é ele. Quando a criança não quer estudar, eu acho que a criança saudável em geral não quer estudar. Só se for um cara vocacionalmente dotado para aquilo, ele tem interesse, começa a fazer pergunta. Agora, o outro que não está querendo saber daquela coisa é normal que ele durma na aula, que ele fuja da aula. Porque ele quer saber o mínimo, ele não tem esse nível de curiosidade, e portanto não interesse em educação. Então a educação obrigatória é uma monstruosidade, a

educação tem de ser livre para quem quiser a educação. O estado tem que dar os meios para que as pessoas se eduquem quando elas quiserem. E mesmo assim tem que duvidar um pouco.

Hoje em dia qual é a conclusão que tiramos, dentro do plano educacional da nova ordem mundial? Cada país só precisa de um mínimo de pessoas com alta habilitação técnica. E o resto? Para o resto nós damos apenas um pseudo-educação que consiste apenas em adestramento para boa conduta do cidadãozinho. Isto é explícito, não é uma interpretação que eu estou fazendo, isso é declarado. 80% dos garotos de ginásio da Inglaterra não sabem que língua se fala em Tóquio, mas eles sabem que tem que ser bons cidadãos, que tem os direitos humanos, tem que respeitar a divergência, é adestramento de conduta e só. É para manter o rebanho bem comportado. Então, você vê que a educação universal obrigatória termina nisto. Querem com isso liberar as outras? Não, querem usar isto como meio de escravizá-las. Primeiro você desperta nelas uma ambição absurda para depois você ter de discipliná-las para elas não atenderem a esta ambição e se comportar direitinho. Por que então não as deixaram como elas estavam? O sujeito queria ser camponês e não queria nada mais do que isso. Você que botou minhoca na cabeça do sujeito dizendo que ele seria um cidadão moderno, letrado. E depois você tem que tirar a minhoca. A tendência dos povos é de ser bem comportados, a tendência das pessoas é de viver na rotina. São poucas as pessoas que têm grandes ambições. Ou a pessoa dotada para aquilo ou o louco. Só há esses dois tipos. Júlio César queria ser Júlio César e o maluco também queria ser, os outros não queriam ser Júlio César. Agora, você mete nas cabeças dos caras que todos serão Júlio César, todos serão Albert Einstein. Bom, depois você vai ter que convencer os caras a não ser. É a teoria do bode. Tira o bode da casa, depois põe de novo. A história da educação universal obrigatória é uma farsa, uma tragicomédia. Provavelmente, se você abrir, a educação para quem quiser, como direito e não como obrigação, eu acho que um grande número de pessoas iria querer, só que iam querer de verdade. Eu, por exemplo, não teria entrado na escola aos sete anos, teria entrado aos dezoito, que foi quando eu quis aprender alguma. Isto quer dizer que eu teria cosumido menos dinheiro do estado durante onze anos. Tudo que me ensinaram dos sete aos dezoito foi inútil, eu não aprendi nada.

Aluno: pelo menos para aprender a ler.

Não porque eu entrei na escola e já sabia ler e fazer conta, aprendi sozinho. Na escola eu aprendi o hino nacional. Eu aprendi a ler para ler estória em quadrinho. Isso eu queria. Eu via outro moleque lendo aquilo e pensa que porcaria era aquela, daí aprendi.

Aluno: tem gente que diz que se você não começa entre sete e catorze anos você não aprende mais.

Na idade média a educação começava aos catorze. Mas quando você vê aqueles gênios que aparecem na época você vê que isso não é possível. Eu acho que é muito difícil aprender o que você não quer aprender. Eu acho que nada pode derrubar esse axioma. O aprendizado involuntário é muito difícil. O prazo expira no dia da prova. Ou você aprende a passar de ano. Ou a frequentar a escola. Não é nem a máquina de desentortar banana, é a máquina de entortar banana. A banana entra torta e sai torta.

Aluno: mas você não sabe o que fazer com aquelas criaturas.

Mas este problema foi criado pela existência da escola. A escola cria o problema que ela mesmo resolve. Como era antigamente? Antigamente seu pai ia para o trabalho e você ficava em casa. Depois de um tempo você começava a ir com ele, aprendia a fazer o que ele fazia, a não ser que fosse um jumento. Mas hoje em dia isso não é mais possível, quebrou isso aí. Criou uma outra situação. Agora, o que nós vamos fazer com essa criança? Então você não está querendo

educá-las você está querendo se livrar delas. É uma questão de sinceridade, as pessoas só mandam as crianças para a escola porque não as suportam em casa. É só por isso.

Aluno: mas tem a questão do emprego, se não for à escola não tem emprego.

Uma vez a Oldebrecht estava pesquisando para fazer uma campanha para incentivar as pessoas a buscar um ensino melhor. E a campanha toda baseada na idéia de que a escola é um meio de acesso a uma posição social melhor. Mas ela não é um meio de acesso. A escola não é um meio de inclusão social, a falta de escola é que é um meio de exclusão. Se você for para a escola ela não vai te dar isso, mas se você não for ela vai te tomar. Se você for à escola você não vai obter acesso à porra nenhuma, mas se você não for eles não vão te dar acesso. Então é apenas uma garantia negativa, nunca positiva. Então você inventou uma proibição e está vendendo ela como uma permissão. Quer dizer, é um negócio perverso para caramba. O garoto vai ficar quinze, vinte anos estudando e o que ele vai obter? Não vai obter nada, mas se ele não fizer isso vão tomar o pouco que ele tem. Então esse é um mecanismo de exclusão social. Tinha que ser: você pode ter acesso ao emprego que quiser mas nós vamos te dar escola para se você quiser melhorar você ter como melhorar. Aí é outra coisa.

Aluno: você não acha que a verdadeira educação deveria ser vista como meio de satisfação da sua curiosidade.

Mas ela é sobretudo isso, porque se você não tiver a curiosidade você não vai aprender é nada. Primeiro, a coisa mais básica, é que se você não quer aprender você não vai aprender. Eu acho que a educação deve acompanhar o desenvolvimento da curiosidade do aluno. Eu chego aqui e vejo se vocês têm perguntas em vez de chegar com um problema pronto porque senão não adianta nada. Tem que pegar o sujeito de onde ele está. Às vezes há coisas que você quer transmitir a ele, é verdade, mas não adianta eu tentar falar de onde eu estou e sim de onde o aluno está. É ele que tem a pergunta, a dúvida. Mas se o cara vem com uma pergunta cretina? Bom, era o que tinha. Tem que partir da pergunta cretina e passar o conhecimento a partir daí. Tanto que eu não acredito que existam perguntas cretinas, somente respostas cretinas, qualquer pergunta é o que o sujeito quer saber. Se ele não sabe nada vai fazer uma pergunta totalmente inadequada. Mas como é que ele vai conseguir adequar a coisa se ele não fizer a pergunta cretina primeiro? A pergunta cretina é um direito inalienável do aluno. Agora, se você chegar aqui com o problema pronto, isso é assim e assado, aí ninguém vai aprender porra nenhuma. É exatamente isso que acontece nas universidades. Por que os caras fazem cinco, seis anos de filosofia e saem falando bobagem? Porque ele foi lá e estudou coisas que ele não queria saber.

Eu uma vez entrei numa discussão com um tal de Marcos Bagno, você lembram? É um dos sujeitos mais burros que eu já vi em toda a minha vida. Dia desses eu descobri que o Marcos Bagno é o tradutor do dicionário de filosofia do Ferrater Mora. Ele traduziu o dicionário inteirinho e não aprendeu nada. Eu se traduzisse o dicionário de filosofia do Ferrater Mora inteirinho no dia seguinte ganhava um prêmio Nobel. Porque cada linha ali seria importante para mim. Então não é a quantidade de estudo que o sujeito tem, é a curiosidade que ele tem de aprender. Agora, para isso seria necessário você dar educação para menos gente. Mas se você dá educação para menos gente é preciso que você abra mais direitos para mais gente que não tenham a educação. Como o acesso ao trabalho, que deveria ser dado a partir dos catorze, se você sabe fazer você faz. Mas precisa ter feito isto e aquilo, estar inscrito no sindicato, autorização disso e daquilo. Tudo isto são mecanismos de exclusão social, nós estamos cheios de mecanismos de exclusão para tudo quanto é lado. A sociedade é feita de exclusões. Eu apenas acho que essas exclusões não precisariam ser feitas. Exclusão é impossibilidade, você vai colocar obstáculos. Quer dizer, a escola não é um recurso que você vai obter, é um obstáculo que você vai ter que vencer. Agora, vencido o obstáculo da escola isso não te ajuda absolutamente no emprego, apenas removeu um obstáculo. Então acaba sendo a teoria do bode.

Aluno: tem treinamento para o cara que não quer estudar, vai para a empresa tal?

Claro. Como é que servente de pedreiro faz? Ele aprende acompanhando o pedreiro. Agora, aqui você tem que ter o Phd de servente de pedreiro senão você não entra. Não é assim que acontece? Você para ser ascensorista tem que ter ensino secundário, tem que aprender trigonometria para contar até vinte. Isto é absolutamente nojento e ninguém protesta contra isso. Só protestam contra o racismo, só que o racismo exclui muito menos gente do que isso aqui. Isto aqui foi feito para bloquear a todos. Não tem emprego para todos e em vez de reclamarem com a gente vão achar que a culpa é deles mesmos.

Aluno: e ainda tem aquela coisa que não se entende, de que para fazer vestibular tem que ter segundo grau completo, apesar da prova já mostrar se você sabe daquilo ou não.

Evidente. Mas tem uma lei dizendo que se você passar no vestibular sem segundo grau completo você tem que ser aceito na universidade.

Aluno: mas tem que ter o diploma depois. Você não consegue o diploma, apesar de poder frequentar. Faz o curso mas fica devendo o documento. Assim como o homem não pode ter diploma universitário se não tiver certificado de reservista.

É. Mas isto supondo-se que você queira entrar nessa estrutura e precise dela. Mas se você decidir fazer tudo fora dela você passa por cima disso aí e ainda cospe em cima dos caras como eu estou fazendo. Eu não quero seu reconhecimento até porque eu não reconheço vocês. A minha existência é a prova de que tudo isso é uma palhaçada. É a prova do movimento andando, faço tudo por fora, não só ninguém vai me impedir como eu impeço eles de fazer um monte de coisas.

Aluno: como no caso do Einstein, que não era físico diplomado.

Isto eu não sei, mas só sei que isto acontece somente nos baixos escalões, quando você chega no negócio mais sério ninguém vai te perguntar isso aí. No ambiente de pesquisa ninguém pergunta isso aí. Conheço um casal de biólogos que foram convidados para trabalhar nos Estados Unidos e ninguém pediu documento nenhum, deram um laboratório para eles trabalharem e pronto. Agora, se você quer um cargo de professor no ginásio tal aí você tem que apresentar um monte de papéis. Isto é um problema da pseudo-intelectualidade, quando você está falando de nível superior isto não conta mais. Agora, se é para ser pseudo-intelectual que diferença faz se é com diploma ou não? É a mesma coisa, você não vai fazer nada de um jeito ou de outro.

Aluno: como no caso do Bruno Tolentino, que fez a prova para professor em Oxford, passou e entrou.

Claro, o serviço está feito. Por definição todo real é possível. Se você fez então é porque podia fazer.

Aluno: o nome do teste é prova.

É, você fez então está provado. Agora chega o ministro da educação e diz que precisa disso e daquilo. O sonho da minha vida não se concretizou, era cair na mesa do Fórum da Liberdade em que estava o ministro da educação, mas não aconteceu, me colocaram com o Brizola. Porque eu ia fazer uma prova para o ministro da educação. E quem disse que o ministério da educação está qualificado para qualificar os outros? A começar pelo próprio

ministro. Isso é de uma pretensão, de uma arrogância fora do comum mas nós aceitamos tudo isso porque é o estado.

Aluno: tem a comissão de especialistas que avaliam os cursos.

É, mas agora nós vamos testar a comissão para ver o que acontece.

Aluno: eu conheço um cara que fez física, é Phd, mas trabalha de programador, porque gosta, mas perdeu um tempo enorme.

Para quê? Para enfeitar? Lá em São Paulo tem uma loja que se chama o engenheiro que virou suco. Não conseguiu ser engenheiro e acabou comprando uma loja de sucos.

Agora, o problema básico é que a busca dos conceitos é uma coisa que nunca se impregnou na cultura ocidental, se perdeu. Quando chega em Descartes, daí para diante ninguém fez isso. Agora, de vez em quando você encontra um ou outro sujeito que domina essa técnica. A linha mestra da ciência é constituída desses caras, o resto é irrelevante. As vezes tem um ou outro cara que teve uma impressão, uma idéia, e você os usa como documentos. O Rousseau vale como documento, mas valor científico não tem nenhum, são documentos da sensibilidade da época, como o próprio Marx. Mas o número desses documentos vai crescendo e o valor intelectual deles é cada vez menor. São pessoas que estão estudando aquilo e você nunca tem ali a firmeza se você está estudando um negócio real, você nunca sabe. O sujeito não sabe por onde entrar no assunto, qual é o problema, como é que se estuda isso, como é que você pega. Isto acaba em milhões de discussões que são totalmente inviáveis e sem esperança. No Brasil todas as discussões públicas são sem esperança. Não há esperança de que surja nenhum conhecimento, nenhuma solução, nada nada nada. Porque antes disso há as preliminares, do que você está falando. Mas no Brasil as pessoas acham que isso é um problema de fixar palavras, de linguagem apenas. Então a possibilidade mesma de que a linguagem sirva de instrumento para captar a realidade, isto já não existe mais na cabeça das pessoas.

Aluno: ele acaba achando autoritarismo isso.

Pode até ser que o sujeito ache que se ele encontrar alguma realidade que limite a opinião dele, ele vai se sentir profundamente frustrado. No fim das contas o sujeito está querendo enlouquecer e você não está deixando ele ficar louco. Todos sabem que depois que o cara tem um belo delírio esquizofrênico quando ele sai do delírio vem uma depressão filha da mãe. Pergunta para qualquer psiquiatra experimentado que ele te dirá que a depressão é um sinal de cura. A imaginação dele já não está mais voando, ele caiu para a realidade e descobriu que era um negócio muito mais limitado, aí fica deprimido durante seis meses e depois fica bom. A maioria das pessoas está usando a linguagem como meio de expansão paranóica, expansão megalômana e o outro está lá ajudando a fomentar a sintomatologia. Mas se o sujeito ainda está nessa problemática então não tem como ele estudar comigo, eu não posso ajudar ninguém a aumentar sua ilusão psicopatológica. Ajudar você a ficar louco dizendo que você é um bom garoto. Eu não tenho nada a ver com isso, meu serviço é outro. Se você quer estudar, que entender o que está estudando, se você quer se tornar uma inteligência apta a entender alguma coisa, então o negócio é comigo. Agora, se se trata de dar satisfações lúdicas para você ou lambe o teu ego, eu não me interesso por isso. Eu não me interesso pelo meu ego, por que vou me interessar pelo seu?

Então este é um problema de maturidade intelectual, que no Brasil não existe, aqui só tem criança. As pessoas querem falar as coisas por prazer, o prazer de falar, o sujeito lambe as palavras, gosta daquilo. Eu também tive isso, mas aos três, quatro anos. Falava um monte de bobagens e achava uma delícia. E depois eu comecei a querer me divertir com outras coisas. Vai trepar, transar, homem adulto não precisa mais do que isso. Não precisa jogar futebol de botão... coisa muito lúdica a partir de uma certa idade quer dizer que o sujeito não está bom na cabeça.

Você nem trepa mais, nem isso interessa mais, só interessa outra coisa. Mas aqui as pessoas não chegam na maturidade, o sujeito tem que ficar criancinha sempre. A maturidade ofende as pessoas, é aquele negócio chato, nós estamos aqui nos divertindo e o sujeito quer trabalhar, mas há épocas em que você quer trabalhar, aquilo é a sua vida, você ama aquilo lá, aquilo é sério para você. Agora, se você não está lá então fica brincando, vai jogar bolinha de gude, vai jogar pokémon, porrinha. O ambiente nosso universitário é pueril. É um ambiente de divertimento e sobretudo de busca de um tipo de satisfação, o sujeito quer sentir que participa. Eu também tive isso, aos catorze anos de idade, senti que participava mas depois encheu o saco e eu não quis mais, fui fazer outra coisa. Mas aqui as etapas da vida não transcorrem, se eternizam. Hoje você vê um homem de sessenta anos com bermuda até o joelho, tênis desse tamanho assim, um bonezinho ao contrário, parecendo um moleque de doze anos.

Aluno: é o Ronald Golias.

Exatamente. O Ronald Golias fazia esse tipo há quarenta anos atrás, e hoje você vê que todos viraram o Ronald Golias e não percebem que são grotescos. As pessoas não entendem que a base da vida é a renúncia, você renuncia a uma coisa e pega outra, sempre tem, nunca acaba. Você renuncia a um negócio e não perdeu nada, você vai ganhar algo mais adiante. Isso é a base da natureza. As pessoas vivem falando de natureza e não entendem uma coisa tão elementar. Elas querem eternizar, fixar, e no fundo isso é uma cultura da morte. Elas querem as coisas novas sem abandonar nenhuma. Claro que se você quer um estudo sério você vai encontrar limites que são colocados pelo próprio objeto de que você está falando. Ele não admitir que você fale qualquer coisa a respeito dele. Você aprender a limitar o seu discurso de modo que ele tenha a ver com o objeto, nisso que consiste o aprendizado. As pessoas aceitam isso apenas nos domínios técnicos. O sujeito não aprende geologia para falar qualquer coisa a respeito das pedras. Agora, o sujeito entra no curso de política, filosofia, e acha que vai poder dizer qualquer coisa.

Aluno: nesse sentido a filosofia é uma ciência?

Bom, ciência e filosofia são a mesma coisa, a mesma coisa considerada em etapas diferentes. Se você tem os conceitos estabelecidos, os critérios, então você uniformizou uma certa área e durante um certo tempo você não tem problemas filosóficos mais, somente problemas de investigação científica. Mas isso só até certo ponto, depois embanana tudo de novo e volta. A partir do momento em que vai ampliando a área de observações surgem novos problemas conceptuais, você sempre está retornando. Filosofia e ciência são a mesma coisa. A idéia de uma ciência independente da filosofia seria a de uma ciência que nunca mais tenha problemas filosóficos, isso é utópico. Tem muita gente que gostaria que isso acontecesse porque daí você pode regulamentar o ensino dessas ciências e burocratizar completamente, é só repetir aquela porcaria eternamente assim. É o ideal da mediocridade, o medíocre quer uma ciência que esteja limitada a sua mediocridade e que possa ser transmitida a outro medíocre igualzinho a ele. Quando isso acontece, quando você falar que uma ciência se tornou independente da filosofia é sinal que a burrice dominou. Quando surgir um problema filosófico você o põe para baixo do tapete para não perturbar as criancinhas.

O negócio básico é isso aí, de você aprender a arte, a técnica, a disciplina de obter os conceitos. Isto na verdade é o único problema porque o resto é fácil, você entrega para um computador que ele faz, macaco se treinado faz.

Eu li outro dia o livro do Voegelin, “Hitler e os alemães”, e ele pega a pataquada que estavam discutindo sobre Hitler, a gente fica impressionado de ver as discussões. É claro que aquilo é muito impressionante. Mas as explicações que as pessoas enunciavam mostrava que elas não tinham o objeto na mão, não sabiam por onde estudar aquilo. Tinham apenas impressões, e acaba que ninguém sabe do que estava falando evidentemente. E o pior é que essas discussões na esfera política, antes de você ter a menor idéia do assunto de que você está falando estas questões

já se transformam em dilemas morais e em confrontos políticos na sociedade, e estas pessoas vão sofrer por causa dessa bobagem, e os estadistas vão tomar decisões com base nessa porcaria, e daí é que ninguém entende mais nada mesmo. A urgência de um pensamento mais claro no plano político é uma questão de vida ou morte. Um camarada que não entende que todo o movimento socialista é intrinsecamente genocida então esse sujeito é um perigo público porque sempre vai achar que tem um outro jeito de fazer. Depois de duzentas tentativas, todas as anteriores terminaram em genocídio mas ele vai tentar de novo. Daí quando der em genocídio de novo ele vai dizer que não interpretou direito a coisa, faltou um detalhezinho. E faz duzentos anos que estão tentando. Quando você examina você pergunta como é possível, e você vê que é possível porque a cabeça dos caras já está embolada de noções como valor, lei de ferro dos salários, a classe. Agora não dá mais, ela não tem como entender mais. Se ela não consegue entender os conceitos com os quais está lidando muito menos vai entender o que aconteceu em sua vida.

Aluno: você já trabalhou com a hipótese do Lula ganhar as eleições?

Mas ele vai ganhar, o que é de uma burrice fora do comum. Mas eu não tenho nada a ver com isso. A gente mal consegue fazer os intelectuais raciocinarem um pouquinho, vai conseguir mudar o curso da história do Brasil? Isso é utópico. Pelo menos eu não fiz nada, se ele ganhar não foi culpa minha, eu não ajudei. É aquele negócio do Camus: mas e a miséria do mundo, o que você fez por ela? Eu não a aumentei. Qual de vocês pode dizer isso?

Aluno: o Roberto Campos tem uma frase sobre o mandato dele: eu quando vi que não dava para fazer o bem me omiti de fazer o mal.

Claro. Mas no Brasil o sujeito é julgado pelo número de projetos que ele apresenta. Mas o cara que apresenta dez mil projetos deveria ser fuzilado. Se não apresentou nenhum então fez sua obrigação, pelo menos discutiu o projeto dos outros. É a indústria de projetos aqui. tem que fazer mais leis? É claro que isto é uma atividade anti-social, mas no Brasil é considerado um mérito. Porque a lei é sempre uma limitação, sempre um negócio que você não pode fazer, é uma proibição, e o imposto é uma coisa imposta. Mas os sujeitos não se tocam disso aí.

Aluno: mas às vezes a lei pode significar um direito.

Não. O que é um direito? É uma obrigação que alguém tem com você. A lei só pode assegurar o direito de um através da obrigação que impõe a outro. A obrigação é imediata e o direito, a possibilidade do direito é mediata. Para cada nova lei a parte ruim veio certamente mas a parte boa pode vir. Por isso que eu não considero que a lei possa ser um bom meio de você melhorar a sociedade.

Aluno: mas toda sociedade precisa de leis.

Precisa, uma série de coisas tem que ser proibidas de fato. A lei é uma limitação, portanto é interesse seu que a lei proíba o mínimo, para deixar que a sociedade encontre outras combinações, outras fórmulas, outras soluções. Uma vez um amigo meu fez uma contagem: só dispositivos legais que determinam o uso de recursos do orçamento eram cinco mil e quatrocentos. Quem é que sabe tudo isso? Ninguém sabe. Então você está sempre na ilegalidade, sempre há um dispositivo que proíbe você de fazer o que está fazendo. Evidentemente assim a lei se desmoraliza. A maior parte da lei de cotas certamente não será cumprida. O que vai aparecer de atestados genéticos. Na Inglaterra parece que só 12% da população não tem algum elemento negro no sangue.

Aluno: impressionante a nossa capacidade de dar tiro no próprio pé.

É todo o ciclo moderno, e as nações que surgiram ao longo desse ciclo. Quanto mais elas estão afastadas do ciclo anterior mais elas refletem o lado grotesco do próprio ciclo. O Brasil é um país que se forma todinho dentro do ciclo moderno. Tudo que vem antes, até os elementos renascentistas e os medievais, não estão presentes, ela se forma culturalmente a partir da Revolução Francesa. É por isso que nós temos esta situação grotesca, nós não temos os elementos anteriores. Quanto mais novos os países pior o destino deles, novos em sentido cultural. Se você pega as novas repúblicas africanos que nasceram da auto-determinação dos povos, vai lá ver. Vai ser cada vez pior. Só está bom nos países antigos.

Aluno: o Egito. De qualquer lado que você veja. Se você pega o ciclo islâmico ele é antigo, se você remete até o faraó também.

Mas a antiguidade não pode ser tanta. Os países que se deram bem foram os que acompanharam o ciclo cristão inteirinho, porque se você tem o pé num negócio anterior então fica difícil apagar.

Aluno: mas aí vira um negócio Julius Evola, que tem um pé na antiguidade.

Os países que têm um pé na antiguidade estão muito mal, como Grécia, Itália. Os bárbaros europeus que se deram bem porque foram romanizados, cristianizados, encarnaram o ciclo cristão e o realizaram. Quem chegou depois ou quem estava antes se ferrou.

Aluno: a nossa ruptura cultural com Portugal foi um grande erro?

Foi um grande erro. A nossa independência foi um erro. Não tivemos vantagem nenhuma, foi um truque inventado pela Inglaterra para dar problema para os portugueses e só. Imagina um império tricontinental, seria uma maravilha. Nós tivemos independência e morte, e depois a África saiu pior ainda.

Aluno: desse fato se poderia deduzir o valor da ética cristã? Essa cristianização foi de certa forma uma benção para esses povos.

Certamente. Isso houve de algum modo, porque foi abrandando os costumes, a moral, humanizou o negócio. Os que se saíram melhor foram os cristianizados antes, a começar pela Inglaterra, a partir daí você pode explicar tudo o que aconteceu lá. Levou séculos para acontecer isso, não foi do dia para a noite. Agora você imagina esses países africanos que surgem de uma manobra stalinista. A auto-determinação dos povos é só para arrumar problema para americanos e ingleses, os africanos foram usados de bucha de canhão. São países fictícios que não vão existir nunca. A não ser os islamizados, que podem ter uma saída. E agora não adianta fazer mais nada, isso tem a ver com a islamização antiga.

Aluno: eu li um artigo cujo autor dizia que a decadência dos valores é seguida da destruição da civilização correspondente.

Isso aí é verdade. Porque você perde o vínculo de lealdade, vale tudo, todos viram traidores. Sem lealdade não há continuidade tudo vira facada nas costas. Você veja essa história do Clinton, cuja campanha foi financiada pelos chineses e ele depois deu moleza para eles liberando segredos atômicos. E ninguém fala nada. Antes, um presidente por muito menos perdia o mandato. Perderam o senso de auto-defesa. E curioso que o financiamento das indústrias de tabaco foi mais divulgado. É mais feio ser ajudado por uma companhia interna do que por um país de milico que quer soltar bomba em você. O país ficou louco, não sabe mais o que é amigo e

inimigo. E hoje o estoque de bombas americanas é um quinto do estoque de Rússia e China. Quer dizer que a possibilidade de um ataque nuclear russo ou chinês nunca foi tão grande. E eu acho que não adianta mais fazer nada, porque dentro dos Estados Unidos uns 30% da população adoraria que a China bombardeasse os Estados Unidos. A partir da década de sessenta os americanos querem que aquilo lá seja destruído, está bom demais. É aquele negócio do Groucho Marx, eu odeio clubes que me aceitam como sócio, odeio países que me aceitam como cidadão. Durante a guerra do Vietnam Rússia e China gastaram mais dinheiro fazendo propaganda dentro dos Estados Unidos do que na guerra. Os Estados Unidos não fizeram propaganda nenhuma dentro de Rússia e China. Isso matou os Estados Unidos. E ainda vão liberar agora um canal chinês nos Estados Unidos.

Aluno: mas eles querem fazer armamentos para reabilitar a indústria de defesa.

Mas eles fazem mísseis e vendem para os chineses os bombardearem. São loucos, querem ganhar dinheiro depois de mortos. Já está provado com tudo o que aconteceu na China nos últimos vinte anos que esses caras vendem os Estados Unidos mesmo, até para Satanás. E com a desculpa de que a China está liberalizando a economia. Mas eles mesmos estão ajudando a consolidar a ditadura chinesa. Isso porque você nessas grandes empresas não encontra ninguém que tenha consciência das bases morais, sociais, históricas necessárias para o capitalismo. Eles acham que a coisa anda sozinha. Eles vão acabar com a condição que torna a existência deles mesmos possível.

Aluno: mas a liberdade econômica não ajuda a consolidar as outras liberdades?

Sim, mas isso se é liberdade para vários pequenos comerciantes, mas hoje já não existe mais isso. Na China há liberdade econômica para o governo chinês e para as grandes empresas americanas. Mas o negócio é que nunca houve um caso em que a liberdade econômica criou outras liberdades, houve o contrário, da liberdade religiosa, moral você cria a liberdade econômica e outras. Nós temos o capitalismo, ganhamos dinheiro, e daí fazemos o governo liberal. Mas se você enriquecer na ditadura você vai ficar nela. Você não tem precedente histórico de que o enriquecimento tenha gerado liberdade, tem o contrário. O capitalismo ao longo dos anos vai gerando elementos monopolistas que se estrangulam. Se você pega um país socialista já está tudo monopolizado, então o máximo que você vai fazer é dividir o monopólio entre duas ou três empresas, não vai liberalizar de fato. O capitalismo que está começando na China não é o que começou na Holanda há cinco séculos atrás. Foram cinco ou seis empresas que fizeram negócios com o ministério da guerra, é capitalismo de estado e não tem porque deixar de ser isso. O que aconteceu foi que os chineses viram que aquilo iria afundar e pediram socorro aos capitalistas, como sempre o comunismo faz. Como fizeram na Rússia a mesma coisa. Não vão dar liberdade para o povo não. E liberalizando parte da economia não adianta nada, demoraria muito tempo para mudar algo. Se liberalizar a internet e as pessoas ficarem sabendo de tudo isto não quer dizer que elas possam agir, poderia demorar uns cem anos ou mais, até porque você libera controladamente. E a ditadura se aperfeiçoa, os chineses hoje têm muito a aprender com a Nova Ordem Mundial, esses novos métodos de educação eles vão achar uma maravilha. E principalmente se os regimes ocidentais estão perdendo o aspecto de democracia, estão todos virando ditaduras, como é que eles vão liberalizar a China? Nós é que estamos sendo contaminados pela China e não eles por nós. O problema não é instaurar a democracia na China, é instaurar a democracia nos Estados Unidos.

Aluno: mas hoje no capitalismo chinês a propriedade é privada.

A sociedade totalmente estatal nunca existiu. O que interessa não é a propriedade, é o controle da coisa. A idéia de economia planejada já é o socialismo, e quanto você vai ter que estatizar é uma questão de somenos, nunca ninguém ligou para isso.

Aluno: e a economia planejada é contrária ao capitalismo.

O capitalismo se formou assim, mas acontece que o capitalismo vai na direção de uma economia planejada. Porque o sujeito quando ganha muito dinheiro quer neutralizar a concorrência, então ele usa o estado.

As forças socialistas são duas: a intelectualidade de merda das universidades e o grande capital. O proletariado não tem nada a ver com isso. Você se pergunta por que o Rockefeller dá tanto dinheiro para os comunistas, por que ajudou a botá-los no poder na África, por quê? Porque eles querem clientes e o cliente é o estado, como eles são tão fortes quanto o estado e vão fechando o negócio entre eles. É como o nazismo. Esse é o capitalismo que nós temos hoje, um capitalismo monopolista que ajuda regimes comunistas, na China, na África do Sul, onde tiver eles vão ajudar. Porque o comunista sabe que não dá para fazer o comunismo integral, que você tem que resguardar uma área para a iniciativa privada. Isto todos eles já sabem. Então você resguarda uma do seu controle uma área mínima de três ou quatro empresas que fazem negócios com o governo e fica assim. Dá para viver assim eternamente. Pode ser que tudo isso estoure em cem anos mas nós não vamos estar vivos para ver isso. Se fosse um verdadeiro capitalismo liberal começando aí seria possível. Mas está começando por cima.

Aluno: tem a ver com a cultura anterior chinesa?

Não. É que qualquer regime comunista que resolva abrir o mercado abre por cima. Lenin abriu os mercados mas para os cupinchas dele. É a estória do Armand Hammer, que era um deles, e assim como ele havia outros. Hoje se sabe que o Armand Hammer era um cara do Comintern. E no momento em que abriram para o capital estava tudo mais ainda sob o controle do partido comunista. E as outras empresas eu acho que todas elas eram assim. Se for rastrear uma por uma eu acho que você descobre uns quinhentos Armand Hammer. Abriram o mercado e justamente aí que estavam controlando as coisas melhor ainda. É diabólico. Essa idéia socialista entrou no mundo para desgraçar a humanidade mesmo. E quando começa não tem mais saída. Quando terminou o socialismo na União Soviética o que pode entrar? De onde vão sair os capitalistas? São os caras que mandavam no regime anterior. Então termina o socialismo e vem a máfia, não tem outra solução. Estas máfias entram em acordo e o poder continua na mão delas. Então é ditadura de um jeito ou de outro.

O socialismo não é uma coisa que você pode fazer e voltar atrás. Esta é que é a grande tragédia. Tem certas doenças que você tem e não pode deixar de ter, se você tem aids não pode deixar de ter aids, não existe ex-aidético. Eu acho que a possibilidade de restaurar um país do socialismo só é possível em países pequenos. Em um ou outro, por exceção, pode dar certo, com uma ajuda exterior muito grande.

Aluno: Cuba?

Aí não sei, dependeria das condições culturais. Agora, na Tchecoslováquia, na Polônia, as coisas estão mais ou menos indo, mas são países pequenos. A Alemanha Oriental foi facilmente engulida. Mas como é que você vai fazer um país capitalista na Rússia? Todos aqueles camaradas da Nomenclatura são como senhores feudais, eles têm uma certa área de poder. Então eles somente mudaram a constituição política de seu próprio poder, antes ele era político e agora é capitalista. Mas são os mesmos caras. Quando eles acharem que é melhor voltar à situação anterior, que era melhor quando eles eram nomenclatura, volta tudo. Fazer da Rússia uma sociedade capitalista... isto pode levar séculos. E tem quatrocentas revoluções no meio disso. Por

isto que o comunismo é uma tragédia, não é difícil entrar nele mas é difícil sair. Onde deu para retornar foi em Portugal, que tem dez milhões de pessoas, e mesmo assim foi um governo comunista, não foi um regime, eles não conseguiram socializar tudo, ficaram no blá-blá-blá. Agora, Cuba é diferente, os caras estão lá há quase cinquenta anos. Não sobrou nada de capitalismo, só de exportação de charutos para a Flórida, e restaurante para turistas. Se cai Fidel e o comunismo o primeiro que mete a pata lá é o próprio Rockefeller. Chegam duas ou três empresas monopolistas e dominam aquele negócio com a maior facilidade. Então você não vai ter capitalismo liberal de maneira alguma, isso não se fabrica. Agora, pode virar paraíso fiscal ou zona franca. Mas eu acho que comunismo não se desmonta. Pelo que eu vi na Romênia eu acho que é quase impossível. É muito poder que certos grupos têm acumulado ao longo de anos, os caras estavam armados até os dentes. Não se livra disso tão facilmente. Só aceitam o capitalismo para não morrer de fome. Mas o capitalismo deles, não o liberal. Muda o estatuto jurídico dos caras mas são exatamente os mesmos.

Só se você fizer como fizeram com o nazismo, fuzilar todo mundo, mandar para a cadeia, e anos e anos de reeducação. Como é que você vai fazer reeducação para a democracia capitalista sem quebrar a espinha dorsal dos caras que tinham poder antes? Não é possível. Tem que haver um macro Julgamento de Nuremberg. E esse é o problema, é muita gente. Agora, na Alemanha, os caras a devastaram, derrubaram tudo, arrasaram o país, o nazismo caiu inteirinho mas junto com o país. Se tivesse dado certo o atentado contra Hitler, teríamos nos livrado do cara. Mas e agora quem manda? Somos nós mesmos, nós que tiramos o cara de lá. Então ia acontecer na Alemanha a mesma coisa que acontece na Rússia hoje. Não ia ter essa depuração, ia ter um simulacro de depuração. Na Alemanha isso só foi possível porque houve uma guerra e os caras a venceram militarmente. Qualquer regime que cai ou é por dentro ou só caiu parcialmente. É muito difícil sem uma guerra, sem a destruição de um país, você destruir o regime, isso não acontece.

Aluno: como no caso da Guerra do Paraguai.

Sim, nós entramos lá e acabamos com tudo. Se acabou o país acabou o regime junto. Então você tem uma espécie de zero. Como no caso da Alemanha ano zero. Essa expressão todos tinham na cabeça quando acabou a guerra. Teve que começar tudo do zero e recomeçar sob outros parâmetros aprendidos através dos Estados Unidos e da Inglaterra. E eles aceitaram aprender, o país inteiro queria dizer adeus ao passado. Mas na Rússia não. Você veja que os documentos do serviço secreto alemão foram todos abertos, não sobrou um papel escondido. E na Rússia não. Imagina se depois da guerra não se tocasse na Gestapo. O regime ia continuar igual. Como é que você vai acabar com o comunismo sem destruir a KGB? Não é possível. Então isto quer dizer que a famosa queda da União Soviética foi um fenômeno de ordem econômica; ou seja, o comunismo chegou à sua exaustão econômica exatamente como em 1920 o von Mises disse que ia acontecer. Isto quando Lenin mal tinha chegado ao poder. Depois de cinquenta anos se viu que Mises tinha razão. Mesmos os mais comunistas admitem alguma faixa de mercado, 30%, 40%, para poder ter cálculo de preços. Então eles já não entendem o comunismo como uma estatização completa da economia mas apenas como o regime deles, onde eles tenham o controle. Mas na verdade eu acho que eles já sabiam disso em 1920. Tanto que na Rússia conservaram uma economia de mercado clandestina mas que era um negócio monstruoso.

Então o comunismo sempre foi um pretexto, não existe regime comunista, não existe regime socialista, não existe nada disso, é apenas um pretexto para uma certa classe, que são os intelectuais ativistas, tenha o poder. Então o poder sai da mão dos empresários e cai na mão dos intelectuais ativistas. O empresário baseia seu poder na atividade econômica dele, no risco econômico dele, e na sua capacidade de juntar recursos e planejar a produção. O poder do intelectual ativista se baseia em sua capacidade de organizar as pessoas politicamente. Então o que você tem é a troca de um tipo de poder por outro tipo poder. Então no capitalismo primeiro

you have the economic organization and from there you will have a political organization that in part reflects this economic organization, in part competes with it.